

SEPULTURAS ESCAVADAS NA ROCHA E REPOVOAMENTO MEDIEVAL. O CASO DO CONCELHO DE MONTALEGRE

MANUEL RAMOS*

Resumo: *O concelho de Montalegre conta com, pelo menos, onze necrópoles com sepulturas escavadas na rocha as quais são apenas uma das várias formas de inumação dos povos locais ao longo dos tempos. É nossa convicção de que todas elas se ligam ao repovoamento da região no período pós-Reconquista. Com este artigo propomo-nos, em primeiro lugar, fazer o levantamento de todos os cemitérios rupestres com sepulturas escavadas na rocha; depois, apresentar os dados metrológicos e tipológicos das suas sepulturas; depois ainda o seu contexto arqueológico e integrá-las na situação de repovoamento pós-Reconquista.*

Palavras-chave: *Sepulturas escavadas na rocha; Cemitérios rupestres; Repovoamento medieval; Montalegre.*

Abstract: *The municipality of Montalegre has at least eleven necropolis with fixed graves on the rock; this is only one form among several possible forms of burial throughout time. We are sure that all of them are connected to the resettlement of this region during the post-Muslim Reconquest period. In this article it is our main purpose to report all the cemeteries with fixed graves on the rock; secondly, to present their metrological and typological data; thirdly, to present their archaeological context and integrate them into the post-Reconquest repopulation background.*

Keywords: *Rock-cut graves; Rock cemeteries; Medieval settlement; Montalegre.*

Com a área de 805 km², o atual concelho de Montalegre localiza-se no extremo norte de Portugal, distrito de Vila Real e sub-região do Alto-Tâmega (NUTS-III), tendo como cidade mais próxima Chaves, a oriente. Juntamente com o vizinho concelho de Boticas, forma a sub-região de Barroso, designação que provém de ambos terem integrado, completos e a partir do século XI, a antiga circunscrição Terra de Barroso. Desde 1971, 26% da superfície ocidental do concelho agrega-se no Parque Nacional da Peneda-Gerês (211,7 km²), formando uma parte significativa da sua parte oriental. Partilha com os concelhos vizinhos cinco sistemas montanhosos: a N o Larouco, a O e NO o Gerês, a E a serra do Leiranco e a S e SO as serras das Alturas e da Cabreira. Zona de montanha, a altitude varia entre os 300 m (Cabril) e os 1535 m (Larouco); a sua parte central é formada por uma zona de planalto, à média de cerca de 900 m de altitude, e é nela que se situam a maioria dos núcleos de sepulturas rupestres. Sendo das zonas mais húmidas de Portugal, tem no Cávado e Regavão (ou Rabagão),

* FLUP/IF; FLUP/CITCEM. Email: manuel.ramos2@gmail.com.

afluente do anterior, os rios maiores. Seu povoamento é antigo, mas por ser zona de montanha, agreste e de clima rigoroso, foi sempre escasso, como muito escassas foram as casas senhoriais. No entanto, mantém ainda hoje um rico e bem conservado acervo arqueológico, sobretudo castrejo, em razão do seu isolamento secular.

O concelho de Montalegre conta com, pelo menos, onze necrópoles com sepulturas escavadas na rocha, num total de 45 moimentos, as quais nunca foram devidamente estudadas. Numa primeira tentativa de classificação geral e abrangente, de acordo com o local de implantação, as onze necrópoles rurais de Montalegre podem ser agrupadas em dois núcleos: um formado pelas necrópoles implantadas em vales (Cávado e Regavão); outro formado pelas necrópoles implantadas em veigas, ambos lugares que, pela sua fertilidade, permitiam a sobrevivência digna de uma comunidade. Por aqui se vê o apreço que temos em associar cemitérios rupestres e povoamento.

(A) Núcleo da margem direita do vale do Cávado:

- (1) Necrópole medieval de Santo Adrião, Montalegre;
- (2) Sepultura isolada medieval de Quadrela, lugar de Donões,
- (3) Necrópole medieval de Santo Amaro, lugar de Donões.

(B) Núcleo do vale do rio Regavão, afluente do Cávado:

- (4) Necrópole medieval de Leiras dos Padrões, lugar de Penedones,
- (5) Necrópole medieval de Monte das Cotas, lugar de Travassos da Chã,
- (6) Necrópole medieval de Portela do Antigo, lugar de Penedones.

(C) Núcleo de necrópoles implantadas em veigas:

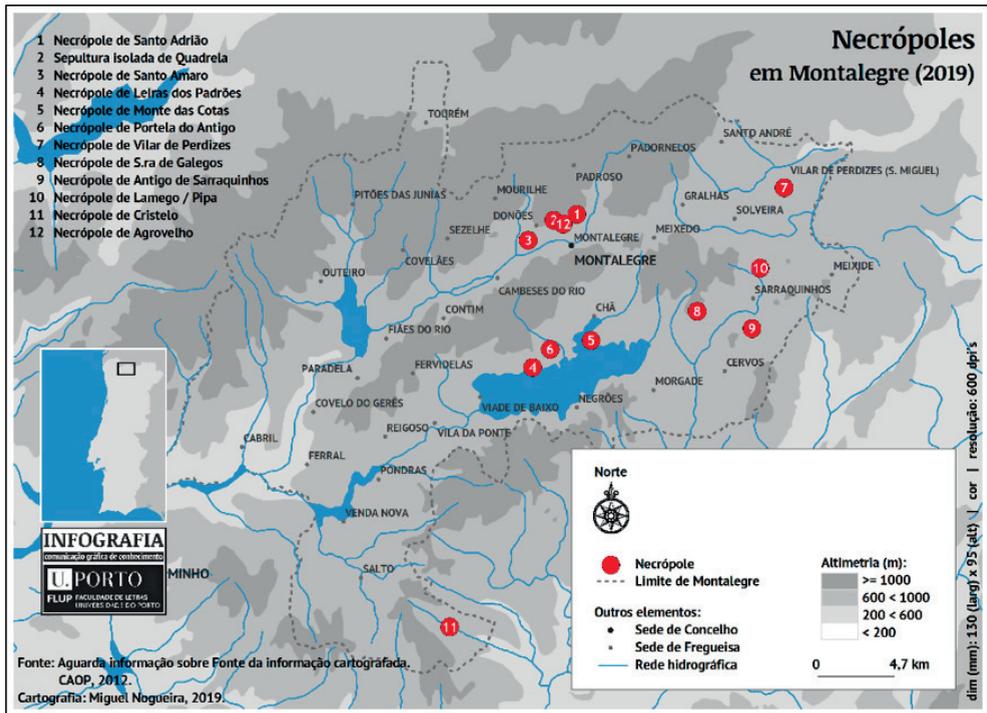
- (7) Necrópole medieval de Vilar de Perdizes,
- (8) Necrópole medieval da Sr.^a de Galegos (ou Sr.^a da Natividade), lugares de Cortiço-Zebral,
- (9) Necrópole medieval de Antigo de Sarraquinhos,
- (10) Necrópole medieval de Lamego / Pipa, lugar de Pedrário.
- (11) Necrópole medieval de Cristelo / Outeiral, lugar de Seara, Salto.

(D) Necrópole medieval descrita por Fernando Braga Barreiros:

- (12) Necrópole medieval de Agrovelho, Montalegre¹.

Todos os 45 monumentos rupestres são túmulos que chegaram até nós violados. Há distinção entre moimentos completos e incompletos, íntegros e mutilados, mais perfeitos e menos, de adulto e de criança (ainda que mais raros), individuais e de

¹ Carla Cascais refere a existência de mais uma necrópole em Cabril, no microtopónimo Sepultura do Frade/Campa do Frade, tratando-se de uma sepultura aberta na rocha e estando o processo de classificação em reapreciação. Localização: EN 308 e 308 — 1 (Amares — Portela do Homem), caminho florestal à saída das Caldas do Gerês, que conduz à Pedra Bela. Vd. CASCAIS, 2007-2008: 3580.



Mapa 1. Mapa que dá uma visão de conjunto dos cemitérios rupestres do concelho de Montalegre

Fonte: Manuel Ramos e Miguel Nogueira Infografia, FLUP

casal, isolados e juntos (apontando estes para uma relação de família), mas não há distinção entre túmulos de homem e de mulher. De igual forma, quase não há distinção entre sepulturas isoladas e necrópulos, pois o único caso em que é certo que se trata de uma sepultura isolada, em Quadrela, poderá não ter sido no passado. Dado o número reduzido de sepulturas, achamos que esta forma de tumulação conviveria com outras formas e que destinar-se-ia, em razão do seu preço, a pessoas mais abastadas.

Associamos cemitérios rupestres a (re)povoamento medieval e à existência aí de uma comunidade por três razões. Em primeiro lugar, por todos os núcleos assentarem em lugares soalheiros: vales e veigas com aptidão agropecuária; e quanto mais fértil é a zona, mais as necrópulos salpicam a paisagem. Em segundo lugar, porque todos os assentamentos, maiores ou menores, são necrópulos de *habitat* ou de lugar: localizam-se em aldeias vivas ou em lugares que já foram morada de gente, mas que atualmente se encontram extintos. Em terceiro lugar, porque todos os assentamentos se situam na proximidade das principais vias antigas que outrora atravessavam a região.

Seria esta a estrutura da paisagem rural humanizada em que as necrópulos, maiores ou menores e nunca muradas, estavam implantadas: pequenas *pobras*, ou

então agregados familiares que habitavam *villae* ou casais agrícolas, aí se achando as três áreas indispensáveis à sobrevivência humana e das quais há plenos vestígios: a área residencial, a económica e a área funerária / religiosa. Quanto à área económica, haveria diferentes estruturas fundiárias que não se sabe com exatidão como seriam, mas tratar-se-ia com certeza de vastas extensões compostas por terra agrícola, lameiros (nas zonas mais húmidas), touças, soutos e extenso monte baldio. Os núcleos rupes- tres seriam parte da necrópole afeta aos povoados, local de inumação dos falecidos.

Observando as onze necrópoles rurais no seu conjunto, é possível estabelecer entre elas mais relações de semelhanças do que de diferença. Grande semelhança é todas elas andarem associadas a *habitat* ou lugar de que já falámos, estando, por isso, intimamente ligadas à rede de povoamento medieval; e por todas se situarem nas imediações das grandes vias que atravessavam a região. Em quase todos os moimentos se privilegiou a orientação a oriente, de acordo com os cânones da Igreja, havendo naturalmente desvios axiais de algumas dezenas de graus nessa normalização de orientação. A grandíssima maioria deles está virada a este (entre os 80° e os 102°), seguida de SE (entre os 123° e os 153°). Fora destes ângulos, os casos são raros.

Quanto à morfologia das sepulturas, há diferentes tipologias, que em parte devem corresponder a diferentes cronologias: antropomórficas (que são dominantes) e não antropomórficas: retangulares, ovaladas e com vestígios de antropomorfismo. No entanto, o mais comum é, dentro da mesma estação necrológica, haver a mesma tipologia, o que sugere o mesmo artífice, um tempo cronológico próximo ou a mesma tradição escultória. Quanto à tipologia das cabeceiras das antropomórficas, quase sempre com cabeceira mais elevada relativamente ao plano do leito, há diferentes tipologias: arco de volta perfeita, arco peraltado, arco ultrapassado, de cantos arqueados e as indeterminadas. A única tampa de sepultura sobrevivente acha-se no cemitério rupestre de Santo Amaro: está mutilada, mas é evidente que é monolítica, abulada, bem trabalhada e anónima.

Não é fácil indagar acerca da cronologia deste tipo de monumento, que em abstrato é costume situar entre os séculos VI e XIII, e mais concretamente associar ao movimento da Reconquista (VIII-XI), parecendo ser essa a situação do concelho de Montalegre: os mais antigos túmulos poderão remontar à reorganização do povoamento no *territorium Civitas Flavias* durante a presúria de Odoário, na segunda metade do século IX (ano de 872) e estender-se-iam até ao século XIII, altura em que este tipo de monumento entrou em desuso.

1. NECRÓPOLE MEDIEVAL DE SANTO ADRIÃO

É um cemitério rupestre de lugar extinto, que se situa a norte do centro de Montalegre (c. de 2 km), no microtopónimo Santo Adrião, a 1006 m de altitude e com a georreferenciação 41.841644°N – 7.788205°W. Situa-se na margem direita

do Cávado, em lugar soalheiro, algo distante do rio (bastante menos do que a meia encosta), protegido dos ventos do norte e próximo de uma veiga com aptidão agrícola. Por conseguinte, seria rural a comunidade que ali foi sepultada. Não há dúvida de que foi uma póvoa em tempos antigos, situando-se o povo a N e NO da capela. No entanto há muita confusão quanto ao seu antigo nome, que com probabilidade se chamaria Pedra². Era «muito populosa»³ e bastante anterior à vila de Montalegre, para onde as pessoas posteriormente se mudaram, antes e depois da construção do castelo (c. 1281). Diz a lenda que foi devido a uma peste que a mudança das gentes se efetuou para a colina de «Monta Alegre», mas é mais provável que se devesse ao desenvolvimento, crescimento e segurança deste burgo, na margem esquerda do rio, à volta do seu altaneiro castelo que D. Afonso III aí mandou construir.

Há nas redondezas vestígios de ocupação diacrónica extensa: pré-histórica, castreja, romana e medieval. Na verdade, perto deste cemitério rupestre, existe o povoado de Agrovelho (800 m a O da capela), o Monte do Crasto (a sul) e Muradelhas (400 m a NE); a fonte de água que abasteceria o pequeno povoado situava-se a um «tiro de pedra» a N da capela⁴. Em 1258, como registam as *Inquirições de D. Afonso III*, Santo Adrião ainda sobrevivia como pequena póvoa, reguenga do rei e de importância menor do que Donões (à colação da qual pertencia), que pagava ao rei um doze avos do que colhia: «Item, dixit quod de Covelio et de Sancto Adriano et de Sancto Vereximo et de Raigoso et de Magrou dant Domino Regi de XII. quinionibus unum»⁵. Neste tempo Montalegre («Raigoso») era insignificante, quando comparado com os lugares vizinhos da margem direita do Cávado, mas a sua importância estava rapidamente a crescer.

Poderá ter no passado organização paroquial. Na verdade, possui capela do século XVII-XVIII, igualmente orientada a oriente (E 97°), dedicada a um santo de culto antigo: Santo Adrião (Adriano de Nicomédia, †306), que deve ter sido o orago do lugarejo, mas não parece ser a capela antiga que por certo ali existiu, a crer nas *Memórias Paroquiais de 1758*: «Santo Adrião, que se diz fora abbadia e com effeito perto della se divizam ruinas de cazas e se mostram sinais donde existiram vários lugares que no anno da peste se despovoaram e todas estavam dentro do espacço de hum quarto de legoa»⁶. De facto, acham-se no adro da capela três sarcófagos antropomórficos em granito, bem conservados e eventualmente do século XIII, que serviram de inumação possivelmente no adro. Tal como a capela, também os sarcó-

² Para a tradição popular seria Agrovelho, o que não é verdade, pois este lugar situa-se a cerca de 800 m a oeste; Barreiros (1920: 59) identifica-a com Muradelhas (o que não parece certo, pois situa-se a cerca de 400 m a NE); as *Memórias Paroquiais*, porém (e parece mais verdadeiro), identificam-na com Pedra.

³ BORRALHEIRO, 2005: 281.

⁴ Cf. BARREIROS, 1920: 59-60.

⁵ BAPTISTA, 2011: 65.

⁶ BORRALHEIRO, 2005: 281; cf. CARVALHO, 1981: 85.

fagos constam nas *Memórias Paroquiais de 1758*⁷, mas não sobrevivem as três tampas que ainda naquele tempo existiam; além de outros sarcófagos com tampas que se descobriram na vizinhança «com huma cruz como a que uzavam os Templários»⁸.

Além dos três sarcófagos antropomórficos em granito, a necrópole é constituída hoje por duas sepulturas antropomórficas a afunilar para os pés e integralmente escavadas no afloramento xistoso: uma íntegra e em bom estado de conservação (n.º 1) e a segunda muito destruída pela extração de pedra para paredes e nunca catalogada. A primeira sobrevive junto à capela, bem conservada e íntegra, de orientação canónica a oriente (NE 59º), possuindo o seu antropomorfismo simetria axial imperfeita por ter sido aberta em rocha xistosa. É moimento violado, não se encontra selado, nem há vestígios de tampa, que poderá ter sido formada por um bloco, pelo facto de possuir rebordo parcial e de tipo alteado, à volta do qual a tampa deveria encaixar. De forma alguma estaria coberta com terra. A cabeceira alteada possui arco de volta perfeita, jazendo esta um pouco mais elevada do que o plano do leito; os ombros encontram-se individualizados e com a curva bem destacada; os pés não se acham destacados e encontram-se no mesmo plano que o leito. Seguindo a morfologia dos rochedos, jaz em plano horizontal. Como particularidade sua, verifica-se que, em parte dela, o fundo é mais largo do que o rebordo superior, sinal de que as paredes do moimento alargam à medida que descem.

Mas há uma segunda sepultura muito destruída (n.º 2). Como se privilegiou a orientação a oriente mais do que a concentração, teve de ser aberta bastante longe (35 m a este), e foi por isso que passou sempre despercebida e nunca foi registada. O seu grau de destruição é grande, mas é possível indagar a partir da sua base uniforme que seria antropomórfica como a primeira e com orientação igualmente a oriente (NE 47º). Seguindo a morfologia do rochedo, jaz em plano horizontal.

Eis alguns dados metrológicos e tipológicos seus:

Tabela 1. Dados metrológicos e tipológicos da necrópole de Santo Adrião, Montalegre

N.º	Tipologia	Tipologia cabeceira	Comp. total	Largura ombros	Largura a meio do corpo	Cabeceira (larg. x comp.)	Profundidade média	Orientação ⁹
1 bom	Antrop.	Volta perfeita	1,72 m	0,34 m	0,39 m	0,20 x 0,16 m	0,43 m	NE 59º
2 destruída	Antrop.	–	adulto 1,90 m	–	–	–	–	NE 47º

Fonte: Elaboração própria

⁷ BORRALHEIRO, 2005: 204 e 282.

⁸ BORRALHEIRO, 2005: 282.

⁹ Neste cemitério rupestre, há uma oscilação de 12º entre os moimentos (NE 59º – NE 47º).



Fig. 1.
Três sepulturas líticas móveis no adro da capela de Santo Adrião, Montalegre. O escoamento para líquido junto aos pés indica que jazeriam no adro à superfície
Fonte: Arquivo pessoal do autor



Fig. 2.
Capela de Santo Adrião, Montalegre, e sepultura antropomórfica aberta na rocha em pleno adro. Uma segunda sepultura, agora destruída, acha-se a 60 m do recinto do adro
Fonte: Arquivo pessoal do autor

2. SEPULTURA ISOLADA MEDIEVAL DE QUADRELA

É uma necrópole de *habitat*, que se situa a este de Donões (c. 1060 m), no microtopónimo Quadrela, a 1001 m de altitude e com a georreferenciação: 41.838496°N – 7.805418°W. Situa-se na margem direita do Cávado, em lugar um pouco elevado, soalheiro, algo distante do rio (bastante menos do que a meia encosta), bem protegido dos ventos do NO e N e nas imediações de uma veiga fértil. Não possui capela, talvez por no passado ter estado ligada a um *habitat* de tipo *villa* ou casal rural. Alguma da toponímia menor das redondezas é: Relvado, Fonte da Barriga e Enforcados.

Como o microtopónimo Quadrela sugere, houve neste lugar, em tempos antigos, algum tipo de construção, pois *quadrela* significa lanço de muro ou de parede de edifício, podendo ser um complexo habitacional de tipo *villa* ou casal. Observando a superfície, é possível descobrir restos de construção a norte. Pelo facto de restar uma só sepultura, tanto pode significar que as demais foram destruídas pela extração de pedra para os muros das propriedades (como aparenta a extração de granito nas imediações), como que a comunidade aí existente era muito pequena. O lugar parece ter tido ocupação diacrónica extensa, desde a Pré-História, passando pela época castreja, até à Idade Média.

A necrópole é formada por uma só sepultura (verdadeiramente a única sepultura isolada do concelho), integralmente escavada no afloramento granítico com cerca de 2 m de altura (é, aliás, a mais elevada de todas as necrópoles), não havendo conhecimento de ter existido mais alguma. É antropomórfica, a afunilar para os pés e possui orientação canónica a oriente; também se encontra em excelente estado de conservação; é moimento violado: não se encontra selado, nem há vestígios de



Fig. 3.
Sepultura isolada em
Quadrela
Fonte: Arquivo pessoal
do autor

tampa, que deverá ter sido formada por uma ou mais lajes lisas sobrepostas; de forma alguma estaria coberto com terra.

Em termos de cabeceira, possui arco de volta perfeita, jazendo um pouco mais elevada do que o plano do leito. Seus ombros encontram-se individualizados e com a curva bem destacada; os pés não se acham destacados e encontram-se no mesmo plano que o leito. Acha-se em plano horizontal, tal como o rochedo em que foi aberta. Possui rebordo de tipo horizontal, não são visíveis nele encaixes para a tampa e quase atinge a axialidade perfeita. Possui orifício lateral proeminente e circular junto aos pés para escoamento de líquidos, razão por que deve no passado ter sido selada com lajes lisas.

Eis alguns dados metrológicos e tipológicos:

Tabela 2. Dados metrológicos e tipológicos da sepultura isolada de Quadrela, Donões

N.º	Tipologia	Tipologia cabeceira	Comp. total	Largura ombros	Largura a meio do corpo	Cabeceira (larg. x comp.)	Profundidade média	Orientação
M.to bom	Antrop.	Volta perfeita	1,80 m	0,40 m	0,39 m	0,25 x 0,24 m	0,24 m	E 102º

Fonte: Elaboração própria

3. NECRÓPOLE MEDIEVAL DE SANTO AMARO

É um cemitério rupestre de lugar extinto, que se situa na aldeia de Donões (c. 2000 m a sul), no microtopónimo atual Santo Adrião (microtopónimo antigo: Igreja), a 968 m de altitude e com a georreferenciação: 41.827279°N – 7.824536°W. Situa-se na margem direita do Cávado, em lugar soalheiro e protegido dos ventos N e NO, numa planura um pouco elevada e algo distante do rio, para evitar as geadas, e nas imediações de uma veiga apropriada para a agricultura e a criação de gado. Por conseguinte, seria rural a comunidade que ali foi sepultada.

Há nas redondezas vestígios de ocupação diacrónica extensa: castreja, romana e medieval. No espaço circundante à capela e nos campos agrícolas mais a SE, a arqueóloga Carla Cascais identificou evidências de povoamento romano e restos de estruturas de habitações que apontam para um povoado antigo¹⁰. Por conseguinte, não há dúvida de que foi uma póvoa em tempos antigos, como o atestam os «vestígios de uma povoação antiga, extinta, como sejam restos de paredes, telha e tijolos»¹¹, além da mina de água, mas é desconhecido o seu nome. Alguma da toponímia menor das redondezas é impressionante: Igrejas e Fonte do Sino (alusão à instituição paroquial), Pedregalho, Crasto e Cremadouro.

¹⁰ CASCAIS, 2007-2008: 32542.

¹¹ COSTA, 1961: 18.

Perto (2,6 km a sul) existe um castro de forma quase circular (com o diâmetro de c. 66 metros), conhecido por Castro de Donões ou Covancas do Crasto, e era cercado por muralha de pedra solta e por três fossos circulares, ainda visíveis, um dos quais é profundo¹². Como é habitual, «a ele andam ligadas diversas tradições lendárias, relacionadas com lutas contra os mouros e com mouras encantadas»¹³. É muito provável que tenha havido sucessão, mais ou menos contínua, entre o *crasto*, o povoado desta necrópole e a atual aldeia de Donões (a N), que consta das *Inquirições de D. Afonso III* de 1258¹⁴ e no rol de igrejas de D. Dinis, em que pagava 60 libras¹⁵. Bastante a norte da aldeia, também sobrevive um rochedo proeminente que tem o nome de Castelo de Tamiolos.

Possui capela com galilé orientada a oriente (E 77°) e dedicada a um santo de culto antigo: Santo Amaro (século VI), com festa a 15 de janeiro de cada ano, que deve ter sido o orago do lugarejo, mas não é a capela antiga que naquele mesmo sítio deverá ter existido, atendendo à toponímia menor. Efetivamente, uma inscrição pintada na padieira da porta informa que foi construída pelo benemérito António Chaffes em 1746: ESTA CAPELA MANDOU A FAZER ANTÓNIO CHAFFES. 1746, presumimos que não para sacralizar o lugar, mas pela convicção de que aquele solo era santo, quer pela existência de um cemitério, quer possivelmente pela existência de vestígios da antiga capela/igreja. De facto, tudo aponta, dado o microtopónimo antigo do local ser *Igreja*, para que tenha havido aí no passado igreja e quiçá organização paroquial, como presume a tradição popular e que Monsenhor Costa regista: «Diz uma tradição antiga, transmitida por via oral, que a capela de Santo Amaro foi outrora igreja paroquial da referida povoação desaparecida há séculos»¹⁶.

A capela com o seu adro foi implantada no meio do cemitério (e possivelmente no lugar da antiga) — e é provável que a sua construção e a do seu adro tenha implicado o soterramento de algumas sepulturas. Sobrevivem seis moimentos escavados no afloramento granítico, antropomórficos, a afunilar para os pés e de orientação canónica; são moimentos violados: não se encontram selados, mas conserva-se parte de uma tampa, pelo que estiveram no passado cobertos, quer por tampas monolíticas, quer sobretudo por uma ou mais lajes sobrepostas; de forma alguma estariam cobertos com terra.

As sepulturas mais afastadas distam entre si em 40 m e estão dispostas em dois grupos. A norte da capela acham-se duas sepulturas em mau estado de conservação (n.ºs 5 e 6) e em afloramento rente ao chão; as lajes onde foram escavadas são delgadas,

¹² Cf. BARREIROS, 1920: 86; cf. COSTA, 1961: 18-19.

¹³ COSTA, 1961: 19.

¹⁴ Cf. BAPTISTA, 2011: 65-66.

¹⁵ «Item ecclesiam Sancti Petri de Donoes ad sexaginta libras» (BOISSELLIER, 2012: 159).

¹⁶ COSTA, 1961: 18; cf. BORRALHEIRO, 2005: 211 e 252.

**Fig. 4.**

Capela com galilé da necrópole de Santo Amaro, Donões. Possui a data de 1743
 Fonte: Arquivo pessoal do autor

o que não contribuiu para a sua perfeição e preservação. A sul da capela acham-se mais quatro sepulturas, todas elas cuidadosamente talhadas no proeminente afloramento granítico raso. Só parte do imponente rochedo foi aproveitado para a abertura de moimentos, talvez porque aquela comunidade possuísse formas alternativas e mais baratas de enterramento, como a inumação em cova. Este segundo grupo está bastante bem preservado e está igualmente orientado a oriente. Uma delas, a mais periférica (n.º 3), é claramente uma sepultura incompleta, dada a sua escassa profundidade.

Em termos globais, são monumentos antropomórficos, a afunilar para os pés, achando-se uma (n.º 2) em muito bom estado de conservação, uma inacabada (n.º 3), outra mutilada aos pés (n.º 1), duas muito mutiladas na parte inferior (n.ºs 4 e 5) e a última (n.º 6), de criança (a avaliar pela pequenez da caixa craniana), muito destruída, pelo que não é possível tirar ilações seguras, para lá de ser certo que é antropomórfica, que está orientada para oriente (E 81º) e que é de criança. Nenhuma se encontra selada, mas conserva-se parte de uma tampa monolítica, talvez pertencente à n.º 2. Quanto às cabeceiras, são de arco de volta perfeita, arco ultrapassado e arco peraltado, jazendo a cabeceira um pouco mais elevada do que o plano do leito. Os ombros encontram-se geralmente individualizados e com a curva bem destacada; os pés não se acham destacados e encontram-se no mesmo plano que o leito; nas íntegras, não há vestígios de orifício sangrador. Possuem geralmente rebordo de tipo horizontal e, seguindo a morfologia dos rochedos, quase todas jazem um pouco inclinadas (c. 4º) para os pés. Só a n.º 2 atinge a axialidade perfeita.

Em duas das sepulturas (n.ºs 1 e 2), com rebordo total de tipo alteado, é perfeitamente visível o alisamento a toda a volta onde a tampa assentava, mais rego

exterior, que serviria para que a água das chuvas não entrasse, pois estes moimentos não possuem orifício de escoamento. A n.º 2 é a sepultura mais perfeita de todos os cemitérios rupestres e em que o antropomorfismo jaz com simetria axial perfeita; e é possível que, dada a sua perfeição e a perfeição da sua tampa monolítica, que se conserva em parte, pertencesse a alguém mais abastado; além de o facto apontar para uma fase mais tardia de construção, quiçá do século XIII.

Eis alguns dados metrológicos e tipológicos:

Tabela 3. Dados metrológicos e tipológicos da necrópole de Santo Amaro, Donões

N.º	Tipologia	Tipologia cabeceira	Comp. total	Largura ombros	Largura a meio do corpo	Cabeceira (larg. x comp.)	Profundidade média	Orientação ¹⁷
1 mutil. ^{da} pés	Antrop.	Peraltada	1,80 m	0,36 m	0,40 m	0,20 x 0,22 m	0,27 m	E 101º
2 perfeita	Antrop.	Ultrapassada	1,80 m	0,46 m	0,37 m	0,20 x 0,20 m	0,28 m	E 89º
3 inacab. ^{da}	Antrop.	Volta perfeita	1,86 m	0,46 m	0,42 m	0,22 x 0,18 m	0,11 m	E 84º
4 fratur. ^{da} fundo	Antrop.	Peraltada	1,80 m	0,45 m	0,39 m	0,17 x 0,21 m	0,28 m	E 90º
5 mutil. ^{da} fundo	Antrop.	Peraltada	– adulto	0,34 m	0,38 m	0,20 x 0,20 m	0,30 m	E 89º
6 muito dest. ^{da}	Antrop.	Ultrapassada	– criança	0,14 m	–	0,06 x 0,06 m	0,06 m (ombros)	E 81º

Fonte: Elaboração própria

É nesta necrópole que se acha o único vestígio de tampa de uma sepultura. Conserva-se mutilada, mas é possível observar que é monolítica, abaulada, bem trabalhada e anónima; seguindo o formato da sepultura, também afunila para a base. Pertencia seguramente ao moimento n.º 2, que tem encaixe para tampa, e, dada a sua perfeição e solução cara e não acessível a todos, aumentaria muito o valor estético e arquitetónico do túmulo; de forma alguma haveria terra a cobrir esta bela tampa (e as restantes), que foi feita para cobrir um moimento caro e para ser vista. Daí que a conclusão de que algumas sepulturas «não se destinavam a ficar à vista»¹⁸ não pareça ser válida aqui e nos restantes cemitérios de Montalegre.

¹⁷ Neste cemitério rupestre, há uma oscilação de 20º entre os moimentos (entre E 81º – E101º).

¹⁸ BARROCA, 2010-2011: 130.



Fig. 5. Sepultura antropomórfica com axialidade perfeita da necrópole de Santo Amaro. É visível onde a tampa monolítica assentava e a protegia da infiltração de humidade.

Fonte: Arquivo pessoal do autor



Fig. 6. Resto de tampa monolítica abobadada a afunilar para a base de uma sepultura de Santo Amaro; é a única que resta em todo o concelho de Montalegre. A solução mais comum e barata recorria a lousas que assentavam sobre o moimento; o recurso à tampa monolítica implicava gastos acrescidos e não seria acessível a todos.

Fonte: Arquivo pessoal do autor

Eis alguns dados metrológicos do que resta de uma tampa monolítica, caso menos comum no panorama dos cemitérios rupestres. Acha-se mutilada na parte inferior e parece pertencer à sepultura n.º 2:

Tabela 4. Dados metrológicos de tampa monolítica da necrópole de Santo Amaro, Donões

Tipologia	Estado	Comp. max.	Largura cabeceira	Largura ombros	Altura cabeceira	Larg. max. cav. de int.or
Tampa monol. ^{ca} q. afunila para a base	incomp. ^{ta}	1,40 m (parte conservada)	0,60 m	0,60 m	0,55 m	0,42 m (0,40 a meio)

Fonte: Elaboração própria

4. NECRÓPOLE MEDIEVAL DE LEIRAS DOS PADRÕES

É um cemitério rupestre de *habitat*, que se situa a cerca de 2,6 km a SO na aldeia de Penedones, no microtopónimo Leiras dos Padrões, a 870 m de altitude e com a georreferenciação: 41.751560°N – 7.820412°W. Situa-se na margem direita do rio Regavão, afluente do Cávado, em lugar soalheiro, algo distante do rio e protegido dos ventos do N e NO. Implantada no alto de um promontório, tem hoje vistas para a barragem dos Pisões, mas no passado tinha de um lado uma veiga com aptidão

agrícola e do outro estava fronteira a verdes lameiros com aptidão pecuária, agora submersos; mais a norte o *mons* a perder de vista. Por conseguinte, seria rural a comunidade que ali foi sepultada. Mesmo ao lado deste núcleo, cujo nome antigo é desconhecido, passava o Itinerário XVII, que ligava *Bracara Augusta* a *Asturica* por *Aquae Flaviae*, pelo que dispunha de bons acessos¹⁹. A avaliar pelo cemitério rupes- tre, o maior de todos (pois conservam-se em mau estado pelo menos 15 moimentos) seria um grande povoado.

Não possui capela nas imediações, mas algo distante (c. 1030 m a este), que no passado (de acordo com a tradição popular) já foi igreja, a qual deve ter sido importante em toda a zona, mas nos últimos séculos foi demolida, pela antiguidade, e erigida no seu lugar a presente capela. É provável que seja do século XVII, está orientada a oriente, como de costume, e já consta das *Memórias Paroquiais de 1758*²⁰.

Alguma da toponímia menor das redondezas é: Santo Aleixo (alusão à antiga igreja depois capela), Anta, Porto Carro (alusão à Via XVII), Vale do Martins e Castelo do Romão. De facto, do outro lado do rio Regavão e quase defronte, situava-se o castelo roqueiro medieval de São Romão (2,9 km), «advogado contra a peste», que consta do Julgado de Barroso nas *Inquirições de 1258*, e deve ter tido um papel importante durante a Reconquista e depois dela. Em 1258, a povoação do castelo era reguenga do rei e estava povoada: «Item dixit quod Sanctus Romanus est totum regalengum Domni Regis, et quicunque ibi laborauerit cum iugo bovum, dabit ij. quartarios, et qui laborauerit cum uno bove dabit j. quartarium per mensuram de Barroso, excepto...»²¹; em 1306, continuava habitada, com a povoação adstrita²². A capela do povoado ainda sobrevivia em 1758, como atestam as *Memórias Paroquiais*²³. Todavia, depois desta data até aos dias de hoje, todas as estruturas erigidas (castelo e povoação adstrita) foram desmanteladas e saqueadas pelas aldeias vizinhas, não restando praticamente nada²⁴.

Há nas redondezas vestígios de ocupação diacrónica extensa: castreja, romana e medieval, sendo a Via XVII e o referido castelo roqueiro os mais importantes. De facto, não seria uma necrópole isolada, dada a abundância, à superfície, nas proximidades, de vestígios arqueológicos salientados por vários autores: o povo identifica o local com uma «cidade» ou «cidade moura». A arqueóloga Carla Cascais descreve que «na zona envolvente às sepulturas encontram-se numerosos fragmentos de cerâmica de construção romana... o local tem vários topónimos sugestivos de ocupação

¹⁹ Lugar de paragem; cf. «parada» e «paradela».

²⁰ BORRALHEIRO, 2005: 203.

²¹ BAPTISTA, 2011: 43.

²² BAPTISTA, 2011: 43 e 265.

²³ BORRALHEIRO, 2005: 205 e 212.

²⁴ ALVES, 2006: 123-126.

antiga e na zona imediatamente a norte e este existiu um povoado romano»²⁵. Fernando Braga Barreiros, numa visita ao local, descreveu desta forma os seus achados:

*Têm ali aparecido pedras de esquadria, restos de encanamentos, fragmentos de objetos de barro e de tijolos, e de mós de mão... vimos uma grande pia aberta em pedra, e um grande bloco de granito em forma de paralelepípedo, a que chamam Padrão, tendo em três das suas faces vestígios muito apagados de relevos de figuras humanas*²⁶.

A necrópole é conhecida por dois nomes: Leiras dos Padrões e, menos, Santo Aleixo, dada alguma proximidade à capela deste santo. Se o segundo microtopónimo recorda um santo romano de culto antigo (†412) e venerado na Europa depois do século XI, cuja capela se encontra não muito longe, o primeiro (Leira dos Padrões) parece recordar marcos divisórios das propriedades agrícolas cultiváveis (leiras)²⁷. J. D. Baptista, em mais do que uma obra sua, liga a este cemitério rupestre a existência da antiga *Villa Mel*, que se situaria nas imediações.

Esta necrópole, que é a mais numerosa das doze do concelho de Montalegre, encontra-se em mau estado de conservação, muito devido à erosão provocada pelas águas da barragem que, à cota alta, a fustigam com a ondulação; no lado contrário, a oeste, foi a proximidade de uma terra agricultada que contribuiu para a sua destruição.

Possui 15 sepulturas de tipo antropomórfico escavadas num afloramento xistoso-granítico, com orientação oeste/este e rente ao chão, distando as mais remotas entre si em 80 m. São antropomórficas e algumas a afunilar muito pouco para os pés, achando-se apenas duas em bom estado de conservação (n.ºs 1 e 15). São moimentos violados: não se encontram selados, nem há vestígios de tampa, que deverá ter sido formada por uma ou mais lousas sobrepostas ou por monólitos. Quanto às cabeceiras, algumas das quais são de longo diâmetro e em que predomina o arco de volta perfeita, jazem um pouco mais elevadas do que o plano do leito. Nelas os ombros encontram-se geralmente pouco individualizados e com a curva arredondada e pouco destacada; os pés não se acham destacados e encontram-se no mesmo plano que o leito; é difícil de indagar se havia vestígios de orifício para escoamento de líquidos (pelo menos nas n.ºs 1 e 15, bem conservadas, não há). O rebordo é indefinido e de tipo horizontal. Acham-se em plano um pouco a descair para os pés, tal como os rochedos em que foram abertas. As duas bem conservadas atingem uma axialidade bastante perfeita.

De entre os 15 moimentos, 14 encontram-se bastante concentrados, a norte, e um deles (n.º 15) bastante a sul, num afloramento algo elevado e perto da água

²⁵ CASCAIS, 2007-2008: 32161.

²⁶ BARREIROS, 1920: 80.

²⁷ Em alternativa, o termo padrões identificaria marcos da Via XVII.

da albufera. A norte do afloramento granítico, ao lado das sepulturas, há cortes na rocha, contemporâneos dos túmulos, que denunciam o lugar de assentamento de algum tipo de estrutura. O que seria não é fácil de indagar, mas estaria ligada ao cemitério rupestre e poderiam ser muretes.

Eis alguns dados metrológicos e tipológicos:

Tabela 5. Dados metrológicos e tipológicos da necrópole de Leiras dos Padrões, Penedones

N.º	Tipologia	Tipologia cabeceira	Comp. total	Largura ombros	Largura a meio do corpo	Cabeceira (larg. x comp.)	Profundidade média	Orientação ²⁸
1 Bom	Antrop.	Volta perfeita	1,90 m	0,57 m	0,54 m	0,40 x 0,30 m	0,33 m	E 94°
2 mutil. ^{da} metade inferior	Antrop.	Volta perfeita	--- adulto	0,34 m	0,42 m	0,25 x 0,23 m	0,25 m	E 81°
3 bastante destr. ^{da}	Antrop.	Volta perfeita	--- adulto	0,37 m	0,44 m	0,25 x 0,25 m	0,36 m	E 85°
4 muito destr. ^{da}	Antrop.	Volta perfeita	--- adulto	0,50 m	---	0,35 x 0,32 m	0,34 m	SE 139°
5 muito destr. ^{da}	Antrop.	Retang. arred. ^{da}	--- adulto	---	---	0,29 m x ?	---	E 93°
6 muito destr. ^{da}	Antrop.	---	--- adulto	---	---	0,27 m x ?	---	E 88°
7 destr. ^{da}	Antrop.	---	---	---	---	---	---	---
8 muito destr. ^{da}	Antrop.	Retang. arred. ^{da}	--- adulto	---	---	0,28 m x ?	---	E 90°
9 muito destr. ^{da}	---	---	--- adulto	---	0,40 m	---	0,32 m	E 110°
10 muito destr. ^{da}	Antrop.	---	--- adulto	---	---	---	---	E 95°
11 muito destr. ^{da}	Antrop.	---	--- adulto	---	---	---	---	E 106°
12 muito destr. ^{da}	Antrop.	Peralçada	--- adulto	---	---	---	---	SE 146°
13 muito destr. ^{da}	---	---	--- adulto	---	---	---	---	SE 148°
14 muito destr. ^{da}	---	---	---	---	---	---	---	SE 118°
15 Bom	Antrop.	Peralçada	1,85 m	0,47 m	0,48 m	0,15 x 0,22 m	0,33 m	E 101°

Fonte: Elaboração própria

²⁸ Neste cemitério rupestre, há uma oscilação de 67° entre os moimentos (entre E81° – SE148°).



Fig. 7.

Uma das poucas sepulturas bem preservadas de Leira dos Padrões. A necrópole tem hoje vista para a barragem dos Pisões, mas outrora era para verdes prados agora submersos
 Fonte: Arquivo pessoal do autor

5. NECRÓPOLE MEDIEVAL DE MONTE DAS COTAS

É um cemitério rupestre de *habitat*, que se situa na margem esquerda do Rega-vão, afluente do Cávado, no microtopónimo Monte das Cotas, a 890 m de altitude e com a georreferenciação: 41.771332°N – 7.778130°W. Situado um pouco distante do leito do rio e implantado num lugar um pouco elevado e plano, fica fronteiro de uma veiga com aptidão agrícola e de verdes lameiros com aptidão pecuária, agora submersos pela barragem dos Pisões; mais longe, o *mons* a perder de vista. Por conseguinte, seria rural a comunidade que ali foi sepultada. Defronte e bastante perto (430 m a NO) fica o Castro de São Vicente. Como nas imediações passava o Itinerário XVII, o local dispunha de bons acessos. Não possui capela próxima.

O microtopónimo é conhecido por Monte das Cotas. As aldeias mais próximas são Travassos da Chã (c. 1370 m a O) e São Vicente (c. 1500 m a N), as quais já constam do Julgado de Barroso das *Inquirições de D. Afonso III* de 1258²⁹.

²⁹ Cf. BAPTISTA, 2011: 59-61.

A necrópole é formada atualmente por uma sepultura isolada integralmente escavada no afloramento xistoso, de orientação canónica (E 90°), ovalada e achando-se em razoável estado de conservação. É um moimento violado: não se encontra selado, nem há vestígios de tampa, que deveria ter sido formada por uma ou mais lajes lisas; dada a altura, de forma alguma estaria coberto com terra. A área da cabeceira, do leito e dos pés encontra-se no mesmo plano, mas o túmulo decai para os pés em 7°, tal como o afloramento em que se encontra. Aos pés há orifício arredondado e pouco proeminente para escoamento de líquidos, o que obrigou ao rasgo da rocha exterior. O rebordo é indefinido e de tipo horizontal.

Há nas redondezas vestígios de ocupação diacrónica extensa: castreja, romana e medieval, entre os quais o famoso castro de São Vicente (430 m a NO), que se localiza defronte e que foi escavado por Santos Júnior e Osvaldo Freire³⁰ na década de 60 e brevemente descrito e acompanhado de desenho topográfico por F. Barreiros; também ficava muito próximo da Via XVII, pelo que dispunha de bons acessos.

F. Barreiros³¹ fez em 1914 o levantamento arqueológico do local com desenho topográfico e assinalou a existência de mais duas sepulturas rupestres, todas de adulto (que distavam entre si em 80 m), além de «três mamoas» a oriente (o que denota uma ocupação diacrónica extensa), «fragmentos de mós, e pedras com vestígios de terem sido utilizadas em construções». Todavia, dos moimentos referidos, apenas subsiste a sua sepultura n.º 3, jazendo a n.º 1 sob a barragem e tendo a n.º 2 (muito perto da n.º 3) sido destruída posteriormente por máquinas que aplanaram o local. Refere ainda Barreiros³² que às sepulturas chama o povo «maseirões dos mouros»³³.

Como já dissemos, a única sepultura sobrevivente, naquele lugar bastante remexido por máquinas, é a n.º 3 identificada no levantamento topográfico de Barreiros. Está totalmente escavada na rocha xistosa, num afloramento com cerca de 2,50 m de altura e possui orientação canónica a oriente (E 90°). É ovalada, jazendo a cabeceira, corpo e pés no mesmo plano, todavia encontra-se com uma inclinação para os pés de 7°, tal como o rochedo em que se acha. Que «tem em volta vestígios dum rebaixo» (lado esquerdo), já Barreiros³⁴ notou em 1914 e seria com certeza para evitar a entrada de água. Junto aos pés, é também bem visível um pequeno orifício circular que servia de escoamento de líquidos, razão por que no passado devia ter estado selada por tampa composta de uma ou mais lajes sobrepostas.

Eis alguns dados metrológicos e tipológicos:

³⁰ SANTOS JÚNIOR, 1963; SANTOS JÚNIOR, ISIDORO, 1963; SANTOS JÚNIOR, FREIRE, 1964.

³¹ BARREIROS, 1920: 76-78.

³² BARREIROS, 1920: 77.

³³ CASCAIS, 2007-2008: 32312.

³⁴ BARREIROS, 1920: 78.

Tabela 6. Dados metrológicos e tipológicos da única sepultura que resta da necrópole de Monte das Cotas, Travassos da Chã

N.º	Tipologia	Tipologia cabeça	Comp. total	Largura ombros	Largura a meio do corpo	Cabeceira (larg. x comp.)	Profundidade média	Orientação
1 bom	Não Antrop.	–	1,78 m	0,33 m	0,43 m	0,29 m	0,30 m	E 90º

Fonte: Elaboração própria

F. Barreiros, que visitou o local em 1914 e descreveu o castro, apresenta das três sepulturas aí existentes os dados metrológicos a seguir registados, devendo atender-se no seguinte: que a sepultura sobrevivente é a sua n.º 3; que a sua n.º 1 se encontra agora submersa pela barragem e já se achava muito destruída em 1914, aquando da sua visita, e, por isso, não apresenta dados metrológicos na maioria dos parâmetros; e que a sua n.º 2 (bastante perto da n.º 3) já não se conserva, tendo sido destruída por máquinas que aplanaram o local:

Tabela 7. Dados metrológicos da necrópole de Monte das Cotas, Travassos da Chã, em 1914

N.º sepult.	Comp. total	Larg. ombros	Comp. linha ombros-pés	Larg. nos pés	Fundos lados cabeça-pés	Diâm. máx. da cabeça
1	1,85 m	–	–	–	–	–
2	1,77 m	0,25 m	1,44 m	0,20 m	0,32 e 0,23 m	0,24 m
3	1,78 m	0,39 m	1,56 m	0,16 m	0,22 e 0,20 m	0,20 m

Fonte: Barreiros, 1920: 78


Fig. 8.

Sepultura ovalada de Monte das Cotas. É a única que resta do cemitério rupestre, que em 1914 era formado por três *tumuli*
 Fonte: Arquivo pessoal do autor

6. NECRÓPOLE MEDIEVAL DE PORTELA DO ANTIGO

É um cemitério rupestre de *habitat*, que se situa na aldeia de Penedones (c. 700 m a N, a qual já consta do Julgado de Barroso das *Inquirições de D. Afonso III*³⁵, no microtopónimo Portela do Antigo, a 960 m de altitude, em lugar com aptidão agrícola e com a georreferenciação: 41.766655°N – 7.808586°W. Situa-se na margem direita do rio Regavão, afluente do Cávado, a meia encosta, mas, ao contrário das duas últimas necrópoles, acha-se bem distante do rio (2,5 km) e implantada num lugar elevado, mas nas imediações de uma veiga com aptidão agrícola; a norte situa-se o *mons* a perder de vista. Por conseguinte, seria rural a comunidade que ali foi sepultada. Deste local, por ser elevado e sobranceiro ao vale do Regavão, identificam-se perfeitamente os dois cemitérios rupestres vizinhos: Leiras dos Padrões e Monte das Cotas, e ainda o castelo de São Romão. O lugar não possui capela.

Há nas redondezas vestígios de ocupação diacrónica extensa: romana e medieval. Como no sopé da montanha (1330 m) passava o Itinerário XVII, o local dispunha de bons acessos. A distância relativamente à atual aldeia de Penedones é de apenas 407 m, a sul, pelo que poderá haver continuidade de povoamento, mais ou menos ininterrupto, entre este local e a aldeia.

O microtopónimo é conhecido por Portela do Antigo. Por *portela* (portinha) entende-se o lugar elevado e sobranceiro, em que passa um caminho, e a partir do qual já se vê a aldeia (Penedones) do outro lado da montanha; *antigo* (que também encontramos em Antigo de Sarraquinhos e parece ser sinónimo do *velho* de Agrovelho) é o nome que os novos povoadores de Penedones chamaram àquele lugar anteriormente habitado e depois abandonado, mas no qual sobrevivem restos de construções e túmulos³⁶. Não tendo explicação para aqueles vestígios, os habitantes locais, como é costume, associaram o local a várias lendas de mouros e mouras encantadas. Possivelmente a *pobra* antiga situar-se-ia a sul do cemitério, em lugar pouco acima da atual aldeia. O abastecimento de água proviria de minas, as quais ainda sobrevivem.

A necrópole é constituída atualmente por seis sepulturas antropomórficas escavadas no afloramento granítico rente ao chão, encontrando-se em mau estado de conservação, para o qual tanto contribuiu a incúria de um poste metálico de média tensão, como a extração de pedra para as paredes dos terrenos contíguos, levada a cabo ao longo dos séculos. Cinco são de adulto e acham-se bem visíveis e próximas. Distante do conjunto, a dezenas de metros para oeste (colhemos a informação junto

³⁵ Cf. BAPTISTA, 2011: 62 e 103.

³⁶ Para opinião diferente, vd. Ferreira Priegue *apud* TEIXEIRA, 1996: 135, n.º 32. Teria antes uma conotação viária: «la «antigua» o «antigoa», en los deslindes y apeos, designa a un *camino cualquiera, viejo o nuevo*» e seria uma simplificação de «antiqua vereta».

do povo da aldeia), há uma sepultura de criança em bom estado de conservação e em pequeno rochedo raso de granito, mas que não conseguimos localizar por causa da densa vegetação.

São antropomórficas e a afunilarem para os pés, distando em 40 m as mais afastadas entre si, e todas possuem orientação canónica a oriente (E). São moimentos violados: não se encontram selados, nem há vestígios de tampa, que deverá ter sido formada por uma ou mais lajes lisas sobrepostas e com encaixe (pelo menos nas n.ºs 1, 2 e 3). As cabeceiras são indefinidas numas, em arco de volta perfeita noutra e retangular arredondada noutra, encontrando-se a cabeceira num plano superior relativamente ao plano do leito e dos pés; os ombros encontram-se mal individualizados e os pés não se acham destacados; nenhum monumento decai para os pés, como habitualmente, jazendo todos em plano horizontal. O rebordo é tanto de tipo alteado como horizontal. O grau de destruição não permite indagar se aos pés há ou não vestígios de orifício para escoamento de líquidos. O rebordo tanto é indefinido nuns casos, como alteado noutros, como ainda de tipo horizontal.

Três delas (n.ºs 1, 2 e 3) aparentam constituir um «jazigo familiar» pelo facto de se encontrarem contíguas (0,2 m) e de possuírem igual alinhamento (E 89º) e comprimento (1,80 m). Isso pode indicar que foram abertas na rocha ao mesmo tempo. Nestas três existem proeminentes vestígios de encaixe da tampa, sobretudo na zona da cabeceira, que aparenta ter sido monolítica. Estão, porém, bastante destruídas, sobretudo na sua parte interior, por ter sido extraída do afloramento pedra para a construção de uma base de poste de média tensão.

É certo que havia mais sepulturas além destas seis, por informação de Barreiros colhida no local. Aquando da sua visita em 1914 ainda viu restos de outras, mas não diz quantas e notou a existência de orifício junto aos pés para escoamento de água, sinal de que, no passado, estavam seladas com lousas de granito:

*há seis sepulturas abertas em rocha, e vestígios doutras danificadas pelos pedreiros. Nota-se nestes moimentos um orifício circular pequeno visivelmente artificial. Algumas delas são contíguas entre si, e uma era de criança. O povo supõe que eram estas cavidades para os mouros se deitarem*³⁷.

³⁷ BARREIROS, 1920: 80.

Eis alguns dados metrológicos e tipológicos:

Tabela 8. Dados metrológicos e tipológicos da necrópole de Portela do Antigo, Penedones

N.º	Tipologia	Tipologia cabeça	Comp. total	Largura ombros	Largura a meio do corpo	Cabeceira (larg. x comp.)	Profundidade média	Orientação ³⁸
1 muito destr. ^{da}	Antrop.	Volta perfeita	1,80 m	-	-	0,30 x 0,30 m	-	E 89°
2 muito destr. ^{da}	Antrop.	Retang. arredondada	1,80 m	-	-	0,28 x 0,18 m	-	E 89°
3 muito destr. ^{da}	Antrop.	Indef.	1,80 m	-	-	-	-	E 89°
4 muito destr. ^{da}	-	-	- Adulto	-	-	-	-	E 80°
5 muito destr. ^{da}	Subovalada	Indef.	1,80 m	-	-	0,25 m x -	-	E 98°
6 - ³⁹	-	-	- criança	-	-	-	-	-

Fonte: Elaboração própria

7. NECRÓPOLE MEDIEVAL DE VILAR DE PERDIZES

É um cemitério rupestre de lugar, que se situa no lugar de Vilar de Perdizes, no microtopónimo Igreja, a 882 m de altitude e com a georreferenciação: 41.855859°N – 7.633827°W. Em termos de implantação geográfica, o cemitério rupestre está situado dentro da aldeia: numa quelha, pelo lado este, de acesso à igreja matriz de S. Miguel, em lugar um pouco elevado, com vista para uma próspera veiga orientada a este e abrigada dos ventos norte e oeste. Por conseguinte, seria rural a comunidade que ali foi sepultada.

A zona é de longa ocupação diacrónica: castreja, romana e medieval, e não há, entre as 12 necrópoles do concelho, nenhuma em que os vestígios arqueológicos sejam tão numerosos⁴⁰. Pelo facto de se situar em lugar tão central, é possível conjecturar que tenha havido continuidade de povoamento, mais ou menos constante, entre a comunidade que ali foi sepultada, porventura pelos séculos IX-X, e a atual aldeia.

São Miguel de Vilar de Perdizes surge no Julgado de Barroso das *Inquirições de D. Afonso III* de 1258 como colação, sendo o rei de Portugal patrono de metade da igreja e de metade da aldeia e as outras metades apanágio do rei de Leão. Aí é apresentada a colação com os seus lugares, casais e impostos que pagavam a D. Afonso III⁴¹.

A necrópole é hoje composta por uma única sepultura de antropomorfismo incipiente virada a oriente (E) e escavada no afloramento granítico, mas é certo que havia mais nas imediações. Encontra-se em mau estado de conservação, muito

³⁸ Neste cemitério rupestre, há uma oscilação de apenas 18° entre os moimentos (entre E 80° – E 98°).

³⁹ Sepultura de criança localizada, a oeste, algo distante das restantes, mas de difícil localização, apesar de a termos procurado por duas vezes.

⁴⁰ Cf. BARREIROS, 1920: 61-65; FONTES, 1978: 15-24.

⁴¹ BAPTISTA, 2011: 96-98, 104.

devido ao facto de estar no meio de uma vereda por onde muita gente passou ao longo dos tempos. É absolutamente certo (por informações que nós recolhemos no local) que havia mais sepulturas à sua esquerda e direita, mas acham-se soterradas: umas, a norte, pela terra de uma horta, outras, a sul, por uma casa de habitação recentemente construída. O número total delas é desconhecido, nem Barreiros, que durante o ano de 1914 visitou o local, se refere a este cemitério rupestre, que parece formar uma necrópole bastante concentrada.

O moimento agora isolado encontra-se em mau estado de conservação; não se encontra selado, nem há vestígios de tampa, que deverá ter sido formada por uma ou mais lajes lisas sobrepostas e com encaixe. A cabeceira é indefinida, jazendo cabeceira e leito no mesmo plano. Os ombros encontram-se mal individualizados; os pés não se acham destacados e encontram-se no mesmo plano que o leito; aos pés há vestígios de orifício para escoamento de líquidos, o que obrigou ao desbravamento da rocha exterior; o rebordo é indefinido e de tipo horizontal e ainda possui na cabeceira vestígios do encaixe da tampa, como conjectura Carla Cascais: «Na cabeceira nota-se um pequeno rasgo, na horizontal, que poderá ter servido para encaixe de tampa». Jaz a decair levemente para os pés, tal como o rochedo em que se encontra.

Eis alguns dados metrológicos e tipológicos seus:

Tabela 9. Dados metrológicos e tipológicos da única sepultura sobrevivente da necrópole de Vilar de Perdizes

N.º	Tipologia	Tipologia cabeceira	Comp. total	Largura ombros	Largura a meio do corpo	Cabeceira (larg. x comp.)	Profundidade média	Orientação
1 muito mau	Indef.	Indef.	1,82 m	0,40 m	0,48 m	Indef.	0,29 m	E 73º

Fonte: Elaboração própria

8. NECRÓPOLE MEDIEVAL DE SR.^a DE GALEGOS / SR.^a DA NATIVIDADE

É um cemitério rupestre de lugar extinto, formado atualmente por cinco sepulturas de adulto integralmente escavadas no afloramento granítico-xistoso, que se situa entre as aldeias de Cortiço e Zebra, no microtopónimo Senhora de Galegos, a 980 m de altitude e com a georreferenciação: 41.787326°N – 7.699049°W. Situa-se num lugar um pouco elevado, tendo de um lado a vasta montanha, que o protege dos ventos frios de N e NO e fornece pasto para o gado, e do outro uma veiga fértil bem apropriada para a agricultura e com orientação a SE. Por conseguinte, seria rural a comunidade que ali foi sepultada.

Alguma da toponímia menor das redondezas é: Galegos, Carqueijal, Fonte da Madre, Raposeiras, Ameixeira e Pedregal. Nas redondezas há vestígios de ocupação com extensa diacronia, a avaliar pelos vestígios arqueológicos de superfície: sobretudo

romana⁴² e mais ainda medieval, o que mostra uma ocupação antiga mais ou menos contínua à sombra daquela veiga fértil, abundante em água e bem orientada a SE; também ficava próximo da Via XVII, pelo que dispunha de bons acessos. Ainda é bem visível a mina de água e os restos de habitações soterradas a este; além de que a capela, ampliada nos últimos séculos, possui traçado de construção antiga.

F. Barreiros⁴³, que em 1914 visitou o lugar, descreveu a SO da capela, no microtopónimo Pedregal, fragmentos de tijolos de barro vermelho; e pelo P.^e João Álvares de Moura, de Fírvidas, foi informado do achamento de uma ponta de lança de cobre junto à capela. Nos terrenos que circundam a capela, asseveram as gentes que lavram os terrenos ser frequente encontrar fragmentos de cerâmica comum, identificando ainda restos de construções com abundante pedra afeiçoada dispersa.

Por isso não admira que já tenha sido uma póvoa. De facto, sabemos pelas *Inquirições de D. Afonso III* de 1258, Julgado de Barroso, que a *pobra* tinha o nome de «Villa de Galletos» e não era pequena: possuía cerca de 12 casais e integrava a colação de Santa Cristina de Cervos: «Item de villa de Galletos est tertia pars Domini Regis et sunt ibi quattuor casalia, de quibus dant annuatim sex sex quartarios de pane et singulos carnarios et ij.ij panes. Item de alia tertia pars ipsius ville dant Domino Regi annuatim oetavam partem tocius fructus et alia tertia est herdatorum»⁴⁴.

Como já referimos (e é a convicção de A. Lourenço Fontes), é provável que o nome «Villa de Galletos» tenha a ver com a organização do repovoamento da zona por gentes da Galiza no período pós-Reconquista e durante a presúria de Odoário, no século IX: «uma colónia de Galegos a povoar, após a Reconquista desta zona, como outras por esse Portugal fora... o galego, devido à sua grande e fácil proliferação, foi um grande elemento no repovoamento do Norte de Portugal»⁴⁵.

Todavia, pouco depois dos meados do século XIII, o povoado entrou em decadência e acabou por se extinguir décadas depois. Porque as pessoas se deslocaram para os povoados vizinhos (Cortiço e Zebral), extinguindo-se o local que até aí tinha sido próspero (mas continuando a trabalhar as férteis terras circundantes), é difícil de indagar. A tradição popular, como em outros lugares extintos (p. ex., Santo Adrião, Agrovelho e Santo Amaro) fala em pestes, mas não terá sido sempre assim. Diz a tradição popular que os dois últimos habitantes a sair foram duas *velhinhas*, uma das quais se mudou para a aldeia do Cortiço e a outra preferiu ir para Zebral. Pode ser uma estória, mas num aspeto tem sentido: quando associa este povoado às duas aldeias vizinhas, uma de cada lado, que se acham ambas herdeiras e continuadoras daquele povoado antigo e que, por isso, preservaram em comunhão de esforços o templo aí erigido.

⁴² CASCAIS, 2007-2008: 32156.

⁴³ BARREIROS, 1920: 71.

⁴⁴ BAPTISTA, 2011: 88; cf. FONTES, 1978: 31.

⁴⁵ FONTES, 1978: 31.

Na verdade, localiza-se no local uma próspera capela com galilé, com nave, arco, altar-mor e dois altares laterais, mais dois edifícios contemporâneos que lhe servem de apoio, cuja prosperidade só se explica pela manutenção conjunta das duas aldeias e não de uma só. Consta das *Memórias Paroquiais de 1758*, com festa celebrada uma vez no ano, a oito de setembro, cuja senhora da Natividade «se venera por milagrosa»⁴⁶. Se hoje (e já assim era em 1758) é apenas uma capela de romaria, bastante próspera para a zona, no passado estamos convictos de que terá sido igreja de aldeia (ou então uma simples capela), e que o templo sobrevivente é o continuador do antigo e é o resultado de sucessivas ampliações ao longo dos tempos, especialmente no século XVIII ou XIX.

O cemitério rupestre é hoje composto por cinco sepulturas de adulto integralmente escavadas no afloramento granítico-xistoso de cor rosada (mas no século XIX havia bastantes mais), distando as mais remotas entre si em 90 m, pelo que é a necrópole mais dispersa de todas. São moimentos violados: não se encontram selados, nem há vestígios de tampa, que deverá ter sido formada por uma ou mais lajes lisas sobrepostas, sem encaixe, e numa (n.º 5) seguramente por monólito. As cabeceiras são geralmente em arco peraltado, jazendo a cabeceira e o leito no mesmo plano; os ombros encontram-se individualizados, com a curva dos ombros bem destacada, mas não acontece isso com a n.º 1, que é bastante ovalada; os pés não se acham destacados e encontram-se no mesmo plano que o leito; aos pés não há em nenhum vestígio de orifício para escoamento de líquidos. Três delas (n.ºs 3, 4 e 5) atingem uma axialidade bastante perfeita; as mesmas três acham-se em plano horizontal, tal como os rochedos rasos em que foram abertas.

Acham-se agrupadas em dois núcleos. Um primeiro conjunto, mais perto da capela (cerca de 25 m a O), é formado por duas sepulturas antropomórficas em afloramento granítico de 1,50 m de altura e de orientação canónica, a primeira das quais, com os contornos dos ombros ligeiramente torneados, se acha íntegra e a segunda bastante destruída, por causa da extração de pedra e assentamento de um alpendre. Possuem rebordo de tipo horizontal; como o afloramento onde se localizam é inclinado, também os dois moimentos se encontram com um grau de inclinação de 8º no sentido cabeceira-pés. A n.º 1 é bastante profunda, é justamente a sepultura mais profunda de todas as necrópoles de Montalegre.

Há, todavia, um segundo núcleo de três moimentos, mais distante (110 m a NO da capela), composto por três sepulturas antropomórficas (n.ºs 3, 4, e 5) em afloramento raso xistoso de cor rosada. Encontram-se bem preservadas e não lhes falta elegância. Numa delas, individual, a mais distante de todas e a mais elaborada (n.º 5), possui rebordo uniforme e alteado; fora do rebordo, a rocha foi desbravada a alisada para que a tampa monolítica assentasse bem e a envolvesse completamente;

⁴⁶ BORRALHEIRO, 2005: 203, 211, 233.

aparenta ter sido feito para não ser coberta de terra. Como habitual, neste tipo de monumento com tampa monolítica não há orifício para escoamento de líquidos; é o segundo caso em que isso acontece, depois do caso da sepultura n.º 2 da necrópole de Santo Amaro, Donões. As outras duas (n.º 3 e 4) aparentam ser de casal e surgem perto, num outro belo afloramento raso. Podendo ser talhadas paralelas e com a mesma orientação a oriente (como, p. ex., no aparente «jazigo familiar» de Portela do Antigo, Penedones), não o foram propositalmente. Na verdade, o artífice quis tirar belo e cordial efeito de as cabeças estarem entre si bem mais próximas do que os pés (0,40 m à cabeceira e 1,30 m aos pés). Dessa forma, o que se ganhou em desalinhamento a oriente ganhou-se em afeição — é essa a nossa convicção — razão por que também achamos que são de um casal.

Eis alguns dados metrológicos e tipológicos das cinco sepulturas:

Tabela 10. Dados metrológicos e tipológicos da necrópole de Sr.ª de Galegos, Cortiço-Zebral

N.º	Tipologia	Tipologia cabeceira	Comp. total	Largura ombros	Largura a meio do corpo	Cabeceira (larg. x comp.)	Profundidade média	Orientação ⁴⁷
1 bom	Antrop.	Peraltada	1,83 m	0,40 m	0,40 m	0,25 x 0,30 m	0,42 m	SE 133º
2 Muito dest. ^{ida}	Antrop.	Volta perfeita	---	0,39 m	0,36 m	0,27 x 0,25 m	0,30 m	SE 123º
3 Bom	Antrop.	Peraltada	1,60 m	0,35 m	0,33 m	0,24 x 0,33 m	0,30 m	SE 119º
4 Bom	Antrop.	Peraltada	1,60 m	0,38 m	0,36 m	0,28 x 0,35 m	0,30 m	E 82º
5 Perfeita	Antrop.	Peraltada	1,70 m	0,38 m	0,34 m	0,22 x 0,26 m	0,28 m	SE 153º

Fonte: Elaboração própria

No entanto, em 1914, quando Fernando Barreiros⁴⁸ visitou o local, a n.º 2 ainda se achava íntegra e é desta forma que a apresenta nos seus dados metrológicos:

Tabela 11. Dados metrológicos antigos da sepultura n.º 2 da necrópole de Sr.ª de Galegos

N.º	Comp. total	Comp. ombros-pés	Larg. dos ombros	Diâm. da cabeça	Prof. média	Larg. dos pés
2	1,80 m	1,64 m	0,38 m	0,27 m	0,21 m	0,18 m

Fonte: Barreiros, 1920: 71

Depois assevera aquilo de que já suspeitávamos, nesta e noutros cemitérios rupestres: a destruição de muitas das sepulturas, habitualmente pela extração de pedra ou

⁴⁷ Neste cemitério rupestre, há uma oscilação de 71º entre os moimentos (entre E 82º – SE 153º).

⁴⁸ BARREIROS, 1920: 71.



Fig. 9.

Sepulturas que aparentam ser de casal. O artífice quis tirar belo e cordial efeito de as cabeças estarem entre si bem mais próximas do que os pés. Dessa forma, o que se perdeu em desalinhamento a oriente ganhou-se em afeição

Fonte: Arquivo pessoal do autor

para assentamento de construções: «informaram-nos que houve ali mais sepulturas, mas que tinham sido destruídas pelos pedreiros»⁴⁹. Barreiros está a referir-se aos pedreiros que, poucos anos antes da sua visita, construíram as duas habitações que servem de apoio à capela, especialmente a casa-alpendre para acolher os peregrinos, o que implicou a destruição de todo o afloramento rochoso a sul da atual necrópole e a consequente destruição dos moimentos aí existentes.

Por fim, Barreiros⁵⁰ localiza a cerca de 100 metros a sul da capela uma outra sepultura, retangular e de criança, que, por se situar mais longe, tinha escapado à voracidade dos construtores do século XIX. No entanto, não escapou à cegueira das gentes do século XX, que aplanaram aquele lugar e aí construíram um cruzeiro. Não se conserva atualmente e possuía a singularidade de ter duas goteiras do lado dos pés. Apresenta dela os seguintes dados metrológicos:

Tabela 12. Dados metrológicos de uma sepultura de criança da necrópole de Sr.^a de Galegos, entretanto desaparecida

Comp. total	Comp. ombros- pés	Larg. dos pés	Prof. média	Larg. dos ombros
0,52 m	0,38 m	0,15 m	0,18 m ⁵¹	0,24 m

Fonte: Barreiros 1920: 71

⁴⁹ BARREIROS, 1920: 71.

⁵⁰ BARREIROS, 1920: 71.

⁵¹ Fundo do lado da cabeça, 0,21; fundo do lado dos pés, 0,15.

9. NECRÓPOLE MEDIEVAL DE ANTIGO DE SARRAQUINHOS

É um cemitério rupestre de lugar, que se situa no centro da aldeia de Antigo de Sarraquinhos (não confundir com a aldeia homónima de Sarraquinhos), a 923 m de altitude, em lugar com a georreferenciação: 41.777649°N – 7.658376°W. A igreja da aldeia, de orientação canónica a oriente, fica muito perto (75 m). Em termos de implantação geográfica, a necrópole situa-se no meio da aldeia e próximo de uma veiga com aptidão agropecuária; nas redondezas há monte a perder de vista. Por conseguinte, seria rural a comunidade que ali foi sepultada.

O antropónimo Sarraquinhos (tanto válido para o topónimo Sarraquinhos como Antigo de Sarraquinhos), que parece provir etimologicamente de *Sarracinus*, está bem documentado nos diplomas dos séculos IX-XI, sob a forma *Sarracino*, *Sarrazino*; e no feminino *Sarracina*, *Sarrazina*, além de inúmeras variantes, como⁵²: *Saracino*, *Sar(r)azino*, *Sarrazim*, *Sarrazinho* e *Sarracenus* (variante culta)... Informa J. P. Machado⁵³ que «cronologicamente o seu uso estende-se entre 875-1059, depois torna-se raro». Como em muitos outros nomes de aldeias, é possível que este antropónimo seja o (re)povoador do lugar, pós-Reconquista, no século IX ou X, convicção que coincide com a cronologia onomástica apresentada por J. P. Machado. O adjetivo *antigo* (que já encontramos em Portela do Antigo) é uma alusão ao espaço arqueológico composto de antigas habitações e necrópole antes de o lugar ser reocupado num tempo posterior.

Há nas redondezas vestígios de ocupação diacrónica extensa: sobretudo castreja e medieval. De facto, há nas imediações o castro de Antigo de Sarraquinhos ou castro de Fernão Mouro, o qual é fronteiro ao castro de Pedrário (vd. Necrópole de Lamego / Pipa)⁵⁴.

Uma variante secundária do Itinerário XVII, na sua ligação a *Aquae Flaviae*, passava perto do povoado, pelo que aquela comunidade dispunha de bons acessos; conserva-se na periferia da aldeia um marco miliário anepígrafo.

O lugar surge no Julgado de Barroso das *Inquirições de D. Afonso III* de 1258, integrava a colação de Santa Cristina de Cervos, possuía quatro casais e o rei tinha aí o seu reguengo: «Item, dixit de Cerraquinos quod est tertia pars Domini Regis et sunt ibi iiii.or casalia, de quibus dant annuatim singulos modios et singulos cabritos vel singulos solidos leoneses, et de alia tertia dant Domino Regi annuatim octavam partem tocius fructus et alia tertia est herdatorum»⁵⁵.

O cemitério rupestre é formado hoje por uma só sepultura mutilada, integralmente escavada no afloramento granítico rente ao chão, quase na borda do caminho

⁵² MACHADO, 2003: s.v. «Sarracino».

⁵³ MACHADO, 2003: s.v. «Sarracino».

⁵⁴ «Diz a lenda que o governador do primeiro, chamado Fernão, e o do segundo chamado Crasto, só tinham uma marra, e quando algum deles precisava dela pedia ao outro para lha atirar» (BARREIROS, 1920: 69). A lenda pretende indicar tanto quão perto os dois castros se encontravam, como quanto o ferro era raro.

⁵⁵ BAPTISTA, 2011: 89.

central da aldeia (Rua Direita, *circa* n.º 30) e sob a parede de uma casa de Setecentos ou de Oitocentos. É um moimento violado: não se encontra selado, nem há vestígios de tampa, que deverá ter sido formada por uma ou mais lajes lisas sobrepostas ou por monólito, e encontra-se em bom estado de conservação na parte superior, já que de meio para baixo se acha entulhada. Sabe-se que não é moimento isolado por nas imediações e no mesmo afloramento haver um número indeterminado deles soterrados sob a mesma habitação, que é de difícil acesso por o seu dono me ter recusado uma visita meramente para efeitos de catalogação. A cabeceira é em arco ultrapassado, jazendo cabeceira e leito no mesmo plano. Os ombros encontram-se individualizados e bem delineados na sua curva; os pés encontravam-se possivelmente no mesmo plano que o leito; talvez não houvesse vestígios de orifício para escoamento de líquidos. Não atinge a axialidade perfeita e, em parte da sepultura, a base é mais larga do que a superfície, lembrando a íntegra de Santo Adrião. Tal como o rochedo raso em que se encontra, decai para os pés em 4°. O rebordo é de tipo horizontal. Curiosamente (e não deixa de ser uma singularidade) está virada a norte (18°), sendo a única sepultura de todos os cemitérios que não segue as normas canónicas de orientação.

Eis alguns dados metrológicos e tipológicos desta sepultura agora isolada:

Tabela 13. Dados metrológicos e tipológicos da sepultura isolada da necrópole de Antigo de Sarraquinhos

N.º	Tipologia	Tipologia cabeceira	Comp. total	Largura ombros	Largura a meio do corpo	Cabeceira (larg. x comp.)	Profundidade média	Orientação
1	Antrop.	Ultrapassada	— adulto	0,43 m	0,47 m	0,28 x 0,22 m	0,30 m	N 18° (orient.ºº insólita)

Fonte: Elaboração própria

10. NECRÓPOLE MEDIEVAL DE LAMEGO / PIPA

No aro da aldeia de Pedrário, a oeste, fica o microtopónimo Lamego, em zona de férteis lameiros com aptidão para a agropecuária. Na sua parte norte, não muito longe do *crasto* (c. 600 m) e da atual aldeia (c. 900 m), precisamente onde termina a zona fértil e começa a zona pedregosa da serra, situa-se o microtopónimo Pipa. Pois é aí, entre uma mata de carvalhos e a 960 m de altitude, que se localiza o cemitério rupestre de Lamego ou Pipa, com a georreferenciação: 41.811110°N – 7.652214°W. Como em todos os cemitérios rupestres de Montalegre, seria rural a comunidade que ali foi sepultada.

Se o topónimo da aldeia, Pedrário, é relativo à abundância de pedra, já o nome Lamego (do lat. *lamaecu-*) refere-se a um tipo de solo, geralmente em lugar plano, abundante em húmus e água; os nomes lameiro(a) e lamas são da mesma família. O nome Pipa, porém, de origem latina (*pippa, ae* significa «pequena flauta»), onde se localiza o cemitério rupestre, pode muito bem ser uma referência às concavidades

no afloramento raso em granito em forma de tonel retangular. Há nas redondezas vestígios de ocupação diacrónica extensa: sobretudo castreja e medieval. Fernando Barreiros⁵⁶, que em 1914 visitou o local, refere como vestígios arqueológicos antigos, para lá do castro de Pedrário (600 m a norte), mós⁵⁷, telhas e tijolos de barro vermelho.

Como microtopónimos circundantes, contam-se (além de Lamego e de Pipa): Gralheira, Baixa João Dias e Crasto. Vale a pena atender neste último. Trata-se do famoso castro de Pedrário, possivelmente de abandono tardio, dada a sua imponência e boa conservação, que em 1990 foi classificado como Imóvel de Interesse Público. É difícil, porém, de estabelecer a ligação que a necrópole poderá ter tido com este castro e com a atual aldeia de Pedrário.

Este cemitério rupestre formava com o de Sr.^a de Galegos e o de Antigo de Sarraquinhos um alinhamento de três necrópoles, que correspondiam a outras tantas *pobras* antigas servidas pela mesma via que ia dar a Chaves, o Itinerário XVII, pelo que dispunha de bons acessos. De facto, não há dúvida de que se trata de uma necrópole de lugar extinto, devendo o povoado localizar-se nas imediações: entre a veiga e a serra, abrigado dos ventos norte e noroeste e em lugar virado a sul e com boa aptidão agropecuária. Sabe-se, efetivamente, que o local era povoado em 1258 por cerca de oito casais, integrando a colação de Santa Cristina de Cervos, como informa o Julgado de Barroso das *Inquirições de D. Afonso III*:

Item de Lamego est mediales Domini Regis et sunt ibi iiij.^{or} casalia, de quibus dant Domino Regi annuatim singulos modios et singulos cabritos vel singulos solidos et alia medietas est herdatorum, exceptis duabus leiris que jacent in portu de Antas, de quibus dant octavam partem Domino Regi⁵⁸.

O cemitério rupestre atual é composto apenas por três moimentos antropomórficos de adulto, abertos no afloramento raso de granito, mas é possível que no passado, por ser necrópole de um lugar extinto, existissem mais. Duas encontram-se bastante próximas (2,5 m) e uma terceira afastada 15 metros para oeste. Uma encontra-se em bom estado de conservação (n.º 2) e duas em razoável estado; em razoável pelo facto de as raízes dos carvalhos contíguos terem destruído a cabeceira da n.º 1 (que já estava danificada em 1914, aquando da visita de F. Barreiros)⁵⁹ e por o centro da n.º 3 medrar uma árvore de pequeno porte. Possuem orientação canónica a oriente, mas a n.º 3 acha-se orientada demasiado a sul.

⁵⁶ BARREIROS, 1920: 67-68.

⁵⁷ *Mola manuária*, granítica, vazada pelo orifício central e cilíndrico; achatada, de media espessura, o montículo que circunda o orifício é descaído para dentro, e tem pequeno relevo (BARREIROS, 1920: 68).

⁵⁸ BAPTISTA, 2011: 89.

⁵⁹ BARREIROS, 1920: 67.

São sepulturas antropomórficas de adulto e parecem ter sido abertas com cuidado e perfeição no afloramento raso de granito. Como os túmulos de todas as necrópoles, são moimentos violados: não se encontram selados, nem há vestígios de tampa, que deverá ter sido formada por uma ou mais lousas sobrepostas com encaixe ou por tampas monolíticas. A cabeceira é geralmente sub-retangular e jaz no mesmo plano que o leito e os pés. Os ombros encontram-se individualizados e bem delineados, com a curva bem destacada (exceto na n.º 1 por ter sido danificada por raízes de carvalho); só na n.º 1, a mais imperfeita, se acha orifício (aliás pequeno) para escoamento de líquidos, no seu lado direito e aos pés, talvez por ter como tampa lousas lisas sobrepostas com encaixe. Acham-se em plano horizontal, tal como o rochedo em que foram abertas, mas as n.ºs 1 e 2 decaem ligeiramente para os pés. O rebordo é de tipo horizontal e atinge uma perfeição bastante grande nas n.ºs 2 e 3, talvez por serem cobertas com tampa monolítica.

Apesar de ter sido cemitério de lugar, ainda próspero em 1258, não há capela, nem vestígios dela nas redondezas.

Eis alguns dados metrológicos e tipológicos:

Tabela 14. Dados metrológicos e tipológicos da necrópole de Lamego / Pipa, lugar de Pedrário

N.º	Tipologia	Tipologia cabeceira	Comp. total	Largura ombros	Largura a meio do corpo	Cabeceira (larg. x comp.)	Profundidade média	Orientação ⁶⁰
1 razoável	Antrop.	Indef.	1,77 m	0,42 m	0,41 m	Indef.	0,34 m	SE 126º
2 bom	Antrop.	Sub-retang. ^{ar}	1,66 m	0,50 m	0,44 m	0,24 x 0,22 m	0,30 m	SE 128º
3 razoável	Antrop.	Sub-retang. ^{ar}	1,84 m	0,47 m	0,43 m	0,29 x 0,23 m	0,40 m	S 175º

Fonte: Elaboração própria

Por último, vale a pena referir um dado que, segundo Barreiros, parece constituir uma singularidade entre todas as necrópoles: o revestimento a tijolo da n.º 3, assim crê este autor: «Na terra que lhe foi extraída, a fim de poder ser medida, apareceu um fragmento de tijolo vermelho, chato, e que naturalmente denota ter sido esta sepultura revestida de tejo». ⁶¹ No entanto, o aparecimento de um só tijolo não prova que esta sepultura fosse revestida a tijolos; parece mais provável que o referido objeto se destinasse, como registam outros investigadores, a manter a verticalidade da cabeça olhando o céu, coisa que noutros túmulos é desempenhado por «pequenas lajes laterais na parte interna da cabeça para imobilizar o crânio» ⁶².

⁶⁰ Neste cemitério rupestre, há uma oscilação de 49º entre os moimentos (entre SE 126º – S 175º).

⁶¹ BARREIROS, 1920: 68.

⁶² BARROCA, 2010-2011: 138.

11. NECRÓPOLE MEDIEVAL DE CRISTELO (OU OUTEIRAL)

É um cemitério rupestre de lugar extinto em 1975, que se situa a NO da aldeia de Seara, freguesia de Salto, no microtopónimo Cristelo (ou Outeiral), a 873 m de altitude e com a georreferenciação: 41.612125°N – 7.883770°W. Em termos de implantação geográfica, a necrópole situa-se a 890 m, em plena serra, mas junto a uma pequena veiga algo fértil pelas terras e lameiros, que ainda hoje são cultivados e pastoreados, razão por que o cemitério deve estar ligado a uma situação de (re) povoamento e de exploração agropecuária do local. Por conseguinte, seria rural a comunidade que ali foi sepultada. Nas redondezas há monte a perder de vista; e de acordo com as *Memórias Paroquiais*, passava por aí uma «estrada» antiga⁶³.

Atendendo ao nome, o lugar poderá ter sido no passado um pequeno castro. De facto, conjectura J. P. Machado⁶⁴ que o topónimo Cristelo tira o seu nome do diminutivo de *crasto*, significando «pequena fortaleza», e é o mesmo que *crastelo*, *crestelo* ou *cristelos*. Não é de excluir, em termos filológicos, que a palavra *crastelo* ou *crestelo* tenha sido contaminada pela palavra «crista», que tão bem representa a orografia do terreno onde foi implantada a pequena necrópole, a norte do povoado. O topónimo também é conhecido pelo nome de Oiteiral ou Outeiral. Dado o muito bom estado de conservação do povoado e da necrópole rupestre, é possível indagar que as zonas de inumação e de habitação distavam entre si em 115 metros. Esta situação seria comum aos restantes *habitats* ou lugares: as duas zonas distariam entre si entre 80 a 200 m e o cemitério rupestre não seria murado.

O pequeno povoado foi morada desde tempos antigos de algumas poucas famílias, que se dedicavam à exploração agropecuária do local. Surge, por isso, no Julgado de Barroso das *Inquirições de D. Afonso III* de 1258, colação de Salto, com o nome de «Villa de Crastelo» e é propriedade de dois moradores: «et villa de Crastelo que est Fernandi Gomecii et Egas Ramiriz»⁶⁵; nas *Memórias Paroquiais* de 1758, «o sitio Oiteiral (Cristelo) hé destrito do lugar da Seara desta freguezia e serve de seus curraes de gados»⁶⁶. Foi definitivamente abandonado em 1975 com a saída dos caseiros das propriedades. É por essa razão que ainda hoje se conservam erguidas as paredes de seis casas (duas habitações, mais quatro cortes de gado), mais a rua principal e uma transversal. Durante o período da II Guerra Mundial, o lugar viu a sua parca população crescer muito por ter sido abrigo temporário de exploradores de volfrâmio.

Como microtopónimos relevantes, destacam-se: Cividade, Campo Grande, Outeiro da Santa e Archeira. Pelo primeiro, a SO, é possível conjecturar que no passado havia nas cercanias outro povoado, entretanto extinto, que também explorava a

⁶³ BORRALHEIRO, 2005: 345.

⁶⁴ MACHADO, 2003: s.v. «Cristelo».

⁶⁵ BAPTISTA, 2011: 28.

⁶⁶ BORRALHEIRO, 2005: 345.

pouca fertilidade do local, mais a grande montanha para os rebanhos; Campo Grande tira o seu nome das terras de cultivo; Archeira poderá tirar o seu nome de «arco» e indicar o lugar onde, pela abundância de material lenhoso, se extraíam bons arcos; a este (347 m), num monte denominado Outeiro da Santa, onde atualmente se localiza a casa florestal, existiu no passado (mas já não surge nas *Memórias Paroquiais de 1758*⁶⁷) uma capela cuja padroeira foi Santa Sofia. Por conseguinte, o lugar não tem nem nunca teve capela, dada a pobreza e pequenez, mas terá havido perto uma antiga capela de romaria, comum a outras *pobras* das redondezas.

Uma pequena e recente placa metálica, cravada numa rocha do afloramento, por Augusto Fernandes, e que não passa despercebida a quem visita a necrópole, contém a seguinte informação:

CRISTELO ANO 932 TERRA DO DEGRADADO (sic)
GIL P. ALCASSUS DAQUI NASCEU SALTO
AGOSTO 1989 POR AUGUSTO FERNANDES

Esta pequena informação contém dois erros históricos. Primeiro, porque a vila de Salto é mais antiga, pois ela (ou um *pagus* muito próximo, em razão de o nome *Saltus* surgir com preposição: *Ad Saltum*) já aparece no famoso *Parochiale Suevum* (século VI). Em segundo lugar, porque nos meados do século X os nomes de homem não englobam *tria nomina*, como é o caso de GIL PEREIRA ALCASSUS, com *praenomen*, *nomen* e *cognomen*, mas sim com *praenomen* e patronímico em genitivo.

É um cemitério rupestre composto por quatro sepulturas integralmente escavadas no afloramento em xisto pouco elevado. A beleza, antiguidade e erosão destas sepulturas têm grande paralelo com o próprio espaço em que se encontram — também ele inóspito, agreste e batido pelos elementos, que deixaram as suas marcas na frágil rocha das sepulturas. É provável que a necrópole fosse composta por mais moimentos, mas que foram destruídos por o local ter servido para a extração de pedra para paredes e muros, e disso há claros vestígios. Distam as mais remotas entre si em 50 m.

Três acham-se íntegras (n.ºs 1, 2 e 3) e uma mutilada (n.º 4), não sendo possível indagar acerca do seu comprimento, mas seria de adulto. De entre as íntegras, duas são de adulto (n.ºs 1 e 3) e a terceira é de criança (n.º 2). De acordo com as normas canónicas, estão todas orientadas a este; a n.º 1 é ovalada e as restantes retangulares; nenhuma possui cavidade encefálica, mas nesta última há vestígios. A de adulto (n.º 1) acha-se em plano horizontal, tal como o rochedo em que foi aberta, mas as restantes (n.ºs 2, 3 e 4) jazem em plano bastante inclinado (sentido cabeceira-pés), *circa* 7°, por imposição da morfologia da rocha. Possuem geralmente rebordo total

⁶⁷ BORRALHEIRO, 2005: 205.

ou parcial e de tipo horizontal ou alteado; em todas o lugar da cabeça, corpo e pés acha-se no mesmo plano. Como todos os túmulos de todas as necrópoles, são moimentos violados: não se encontram selados, nem há vestígios de tampa, que deverá ter sido formada por uma ou mais lousas sobrepostas sem encaixe, que de forma alguma estariam cobertas por terra.

O moimento n.º 1 é o único que possui orifício circular, junto aos pés, para escoamento de líquidos. No entanto, acerca do orifício sangrador, há duas curiosidades a reter que constituem duas singularidades: na de criança (n.º 2) foi tentada a sua abertura, mas não foi completada, talvez por o artífice reconhecer que, dado o grau de inclinação (cabeceira-pés), a água escoar-se-ia facilmente pelo rebordo inferior; na n.º 3, de adulto, o orifício não foi tentado, achamos que pela mesma razão: o acentuado grau de inclinação, mas, ainda assim, o artífice dentou a superfície junto aos pés, para facilitar o escoamento da água.

Eis alguns dados metrológicos e tipológicos:

Tabela 15. Dados metrológicos e tipológicos da necrópole de Cristelo / Outeiral, lugar de Seara, Salto

N.º	Tipologia	Tipologia cabeceira	Comp. total	Largura ombros	Largura a meio do corpo	Cabeceira (larg. x comp.)	Profundidade média	Orientação
1 razoável	Ovalada	Vestígios antrop.	1,90 m	–	0,55 m	0,25 m larg. ⁶⁸	0,32 m	Este
2 muito bom	Retang.	–	1,00 m	0,33 m	0,32 m	–	0,17 m ⁶⁸	Este
3 bom	Retang.	–	1,70 m	0,33 m	0,43 m	–	0,30 m	Este
4 mutil. ^{da} a meio	Retang.	–	–	0,40 m	0,45 m	–	0,30 m	Este

Fonte: Elaboração própria

Carla Cascais conjectura que estas sepulturas poderão estar relacionadas com o «caminho real», que passava próximo, ou com a referida capela de Santa Sofia, a qual, como já dissemos, já não consta das *Memórias Paroquiais de 1758*⁶⁹. Nós, porém, achamos que, sendo verdade o que fica dito, o que até aos dias de hoje motivou a fixação de exploradores no local terá sido a pequena veiga contígua, com terras e lameiros, que permitia alimentar uma pequenina comunidade; e que a capela, possivelmente de romaria (perto, a oeste, situa-se o microtopónimo *Civitas* e há restos de habitações), terá sido construída, em comunhão de esforços, pelos povoados circundantes, entre os quais se destacava a «Villa de Crastelo».

⁶⁸ Profundidade de 0,28 m na zona da cabeceira e vai baixando gradualmente; média de 0,18 m de profundidade.

⁶⁹ CASCAIS, 2007-2008: 32717.

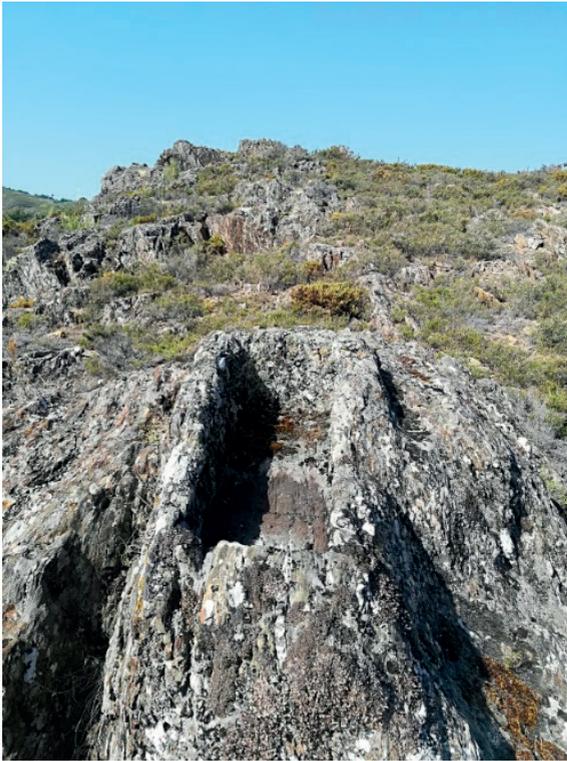


Fig. 10.

Sepultura de criança em afloramento xistoso e pouco elevado. Devido à inclinação da sepultura e do afloramento, o artífice preferiu que o escoamento de líquidos fosse feito à superfície, com ranhura junto aos pés, do que com o típico furo circular na base
 Fonte: Arquivo pessoal do autor

Como já referimos, se se admitir que, de entre as sepulturas fixas, as ovais, retangulares ou trapezoidais devem pertencer aos séculos VI-VII e que, a partir do século VIII ter-se-á iniciado um movimento no sentido da antropomorfização, então os moimentos desta necrópole, que na sua maioria são retangulares, serão os mais antigos de todos⁷⁰. No entanto, esta convicção poderá não ser verdade, uma vez que, em qualquer período histórico, o(s) artífice(s) poderão ter optado pela tipologia retangular simplesmente por este formato ser o mais fácil de trabalhar num afloramento xistoso, que, quando talhado, se esboroa com facilidade.

12. NECRÓPOLE MEDIEVAL DE AGROVELHO

O cemitério rupestre de Agrovelho (um povoado localizado a 800 m a oeste de Santo Adrião e a 1800 m a norte de Montalegre), com uma sepultura em mau estado de conservação, foi atestado por Fernando Braga Barreiros, em 1914. Mas nada mais acrescentou acerca dela: nem dimensões, nem tipologia, nem a orientação, nem a localização precisa, talvez por estar «um pouco destruída».

⁷⁰ Não consideramos minimamente possível que este pobre povoado seja mais antigo do que Salto.

Diz a tradição que aí se localizou em tempos remotos, muito antes da fundação de Montalegre, uma «próspera cidade» (*civitas*) que, dada a proximidade, está na posterior origem da *pobra* de Montalegre, depois que este burgo cresceu em população e em importância regional à sombra do seu castelo. Que o lugar teve uma ocupação diacrónica extensa — desde a Pré-História até à Idade Média —, atestam-no a descoberta aí de cinco machados planos de bronze, datados da Idade do Bronze⁷¹.

Etimologicamente o microtopónimo apresenta a composição de *agro-* (campo de cultivo) + *velho* (que é sinónimo do já referido *antigo* em razão da antiguidade de construções por comparação com um povoado mais recente). Barreiros confirma a existência aí de restos arqueológicos:

A uns 1800 metros ao Norte de Montalegre fica um sítio chamado Agrovelho, onde o povo diz ter havido uma grande cidade com aquele nome, e cuja população aflagida por uma epidemia se viu obrigada a mudar para o lugar onde atualmente é a vila. Parece verem-se ainda ali restos duma muralha de terra, no alto da qual se nos deparou uma sepultura aberta em rocha, e já um pouco destruída. Nos campos próximos encontram-se fragmentos de telhas ou tijolos⁷².

Apesar de mal localizado, nós visitamos o local referido (*circa* 41.836253 – 7.798393), mas não encontramos a referida sepultura, que em 1914 já se achava em mau estado de conservação.

CONCLUSÃO

Sobrevivem atualmente no concelho de Montalegre 11 cemitérios medievais com sepulturas escavadas na rocha, num total de 45 moimentos, três dos quais de criança e um incompleto, que são apenas uma das várias formas de inumação utilizadas pelos povos locais. Como muitos moimentos foram destruídos, não cremos que, no passado, tenha havido cemitérios rupestres de uma só sepultura.

Há mais elementos a unir os cemitérios rupestres entre si do que a separá-los. Vistos no seu conjunto, estamos convictos de que, sendo necrópoles de *habitat* e de lugar, estão ligados à (re)organização do povoamento na região do Alto-Tâmega e Barroso, no período pós-Reconquista, séculos IX-XI, por se localizarem nas zonas mais férteis e aprazíveis do concelho, precisamente as que melhor podiam assegurar a sobrevivência de uma comunidade, quer pela prática da agricultura, quer da criação de gado ou pastorícia.

⁷¹ COSTA, 1987: 37; TEIXEIRA, FERNANDES, 1963-1964: 169-173.

⁷² BARREIROS, 1920: 60-61.

Todas as necrópoles rurais não surgem isoladas no espaço, mas num contexto de restos arqueológicos antigos e de ocupação diacrónica extensa. Atendendo aos vestígios arqueológicos de superfície — pois são áreas muito pouco intervencionadas —, verificamos que houve uma longa continuidade de povoamento nesses locais, que remonta à Pré-História e que teve continuação, mais ou menos ininterrupta, no período romano, na Reconquista e Baixa Idade Média. Nos meados do século XIII (sabemos isso pelo Julgado de Barroso das *Inquirições de D. Afonso III* de 1258), já a configuração do concelho de Montalegre era, *mutatis mutandis*, igual à que hoje mantém.

Quanto à natureza dessas comunidades, seriam povoados maiores ou menores, que podiam ir de uma *pobra* ou aldeola, com a sua propriedade individual e comunitária (baldio), até casais onde habitavam poucas famílias. Por conseguinte, as necrópoles escavadas na rocha seriam o lugar de inumação dos falecidos e corresponderiam aos usos locais do tempo (século IX-XIII).

Além disso, quase todos os cemitérios rupestres se localizam ao lado das grandes vias que atravessavam a região, nomeadamente o Itinerário XVII, que ligava *Bracara Augusta a Asturica* (Astorga) por *Aquae Flaviae* e que, atravessando a planáltica zona de Barroso a meio, bifurcava-se em duas. Por esta razão, essas comunidades não se achavam isoladas, como no tempo da anterior civilização castreja ou em tempos posteriores à Reconquista, mas seriam comunidades rurais dinâmicas e com capacidade de vender os seus produtos dentro ou fora da região.

Quanto à tipologia, há-as de todos os tipos: antropomórficas, em maior número, de antropomorfismo incipiente e não antropomórficas (retangulares, sub-retangulares, ovais e indefinidas). O mais comum é haver dentro de uma estação necrológica a mesma tipologia, o que sugere um artífice comum, uma cronologia próxima ou uma mesma tradição.

Quanto à orientação, estão direcionadas, de acordo com as normas canónicas, para oriente, mas há variações regionais nessa orientação, quer para este (vale do Cávado), quer para E-SE-S (parte oriental do concelho). Nota-se que houve o privilégio da correta orientação, mais do que da concentração, mesmo que isso implicasse a dispersão, no caso de não haver perto rocha apropriada.

Quanto à selagem das sepulturas, seria feita com três tipos de tampa: as mais simples (que também seriam as mais numerosas) possuiriam mais do que uma laje reta que encaixaria ou não sobre a sepultura; outra forma é haver uma tampa monolítica que encaixaria ou não sobre a sepultura; as mais complexas seriam cobertas por um grande monolítico, de forma côncava e trabalhado, que taparia completamente a sepultura de rebordo alteado e impediria a água de entrar. Estas nunca possuem orifício para escoamento de líquidos por não precisarem, o qual parece que seria mais típico dos moimentos com várias lousas sobrepostas.

Só parte de uma tampa se conserva: côncava, trabalhada, abaulada e anónima, a qual, dada a sua beleza, parece ter sido feita para ser vista e não coberta. É por isso que presumimos que, de forma alguma haveria terra a cobrir os moimentos: quer os cobertos com uma ou mais lajes retas, quer com monólitos, quer os assentes em rochedos rasos, quer em rochedos elevados ou muito elevados.

Nota-se que não houve preocupação de que os túmulos ficassem destacados na paisagem e com propósitos de servirem de balizas ou limites territoriais ou de propriedade. De igual forma, não encontramos junto aos moimentos nichos destinados à colocação de água benta; tal como não há vestígios de que algum tenha servido em tempos posteriores de lagareta, por a região não ser produtora de vinho nem de azeite. No entanto, sobrevivem no afloramento granítico de Leira dos Padrões cortes na rocha, talvez contemporâneos dos túmulos, que denunciam o lugar de assentamento de algum tipo de estrutura, quiçá muretes.

Entre os 11 cemitérios rupestres visitados há elementos que constituem singularidades por se afastarem da regularidade de todas elas: algumas sepulturas ainda é bem visível o encaixe a toda a volta para a tampa côncava e um rego exterior para escoamento da água; noutras, conservam-se junto à cabeceira cortes que denunciam bem o lugar onde a tampa encaixava, quer fosse formada por uma ou mais lousas retas; numa crê-se que estava revestida de tijolos, mas que nós achamos que seria apenas na zona do crânio do defunto, a fim de manter a verticalidade da cabeça olhando o céu; noutra, de criança, é certo que possuía duas goteiras; noutra ainda, de criança, foi tentada a abertura de orifício sangrador, mas não foi completada, talvez por o artífice reconhecer que, dado o grau de inclinação (cabeceira-pés), a água escoar-se-ia facilmente pelo rebordo; noutra, de adulto, o orifício não foi tentado, achamos que pela mesma razão: o acentuado grau de inclinação, mas, ainda assim, o artífice dentou a superfície junto aos pés, para facilitar o escoamento da água. A orientação da sepultura isolada de Antigo de Sarraquinhos, a norte, é insólita e constitui uma singularidade.

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, P^o Manuel (2006). *Parafita. Foral concedido pelo rei de Portugal D. Afonso III (31 de maio - 1268) à aldeia de Parafita. Análise histórica*. Vila Real: Minerva Transmontana.
- BAPTISTA, José Dias (1993). *Caminhos medievais de Barroso*. «Aquae Flaviae». 9, 106-139.
- BAPTISTA, José Dias (2011). *Inquirições de D. Afonso III (1258). Relativas aos julgados medievais de Chaves, Barroso, Monforte de Rio Livre, Montenegro e Aguiar da Pena*. «Aquae Flaviae». 43, 16-104.
- BARREIROS, Fernando B. (1915). *Ensaio de inventário dos castros do concelho de Montalegre*. «O Archeólogo Português». 1^a Serie, 20, 211-213.
- BARREIROS, Fernando B. (1920). *Materiais para a arqueologia do concelho de Montalegre*. «O Archeólogo Português». 1^a Serie, 24, 58-87.
- BARROCA, Mário Jorge; MORAIS, António J. Cardoso (1983). *Sepulturas medievais na Terra de Aguiar da Pena (Vila Pouca de Aguiar)*. «Arqueologia». 8, 92-102.

- BARROCA, Mário Jorge (1987). *Necrópoles e sepulturas medievais de Entre-Douro-e-Minho (Séculos V a XV)*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação para Provas Públicas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica.
- BARROCA, Mário Jorge (2010-2011). *Sepulturas escavadas na rocha de Entre-Douro-e-Minho*. «Portvgalia». Nova Série, 31-32, 115-182.
- BOISSELLIER, Stéphane, ed. (2012). *La construction administrative d'un royaume. Registres de bénéfices ecclésiastiques Portugais. Portugais (XIII-XIV.^e siècles)*. Lisboa: UCP-CEHR.
- BORRALHEIRO, Rogério (2005). *Montalegre: memória e história*. Montalegre: Barrosana, E.M.
- CARVALHO, Manuel Homem de Mello (1981). *Concelho de Montalegre. Achegas para a sua história*. In *I Jogos Florais de Montalegre*. Montalegre: Câmara Municipal de Montalegre, pp. 83-93.
- CASCAIS, Carla Alexandra Afonso de Carvalho (2007-2008). *Portal do Arqueólogo*. CNS: 32553 (Santo Adrião); 32543 (Quadrela); 32542 (Santo Amaro); 32161 (Leira dos Padrões); 32312 (Monte das Cotas); 32518 (Portela do Antigo); 32980 (Vilar de Perdizes); 32156 (Senhora de Galegos); 32738 (Antigo de Sarraquinhos); 32717 (Cristelo / Outeiral); 3580 (Sepultura do Frade / Campo do Frade). Disponível em <<http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/>>.
- COSTA, P.^o João Gonçalves da (1961). *A senhora da Peneda de Donões. Origem histórica da Capela e apontamentos para a história religiosa da freguesia*. Vila Real: Minerva Transmontana.
- COSTA, P.^o João Gonçalves da (1987). *Montalegre e Terras de Barroso*. Montalegre: Câmara Municipal de Montalegre.
- FONTES, António Lourenço (1978). *Aras romanas e terras de Barroso desaparecidas*. In *Milenário de S. Rosendo – 977-1977*. Montalegre: Câmara Municipal de Montalegre, pp. 15-24.
- LOURENÇO, Sandra (2006). *O povoamento alto-medieval entre os rios Dão e Alva*. «Trabalhos de Arqueologia». 50.
- MACHADO, José Pedro (2003). *Dicionário onomástico e etimológico da língua Portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte.
- SANTOS JÚNIOR, Joaquim Rodrigo dos (1963). *O castro de S. Vicente da Chã (Barroso)*. «Trabalhos de Antropologia e Etnologia». 19: 1, 79-80.
- SANTOS JÚNIOR, Joaquim Rodrigo dos; ISIDORO, Agostinho (1963). *Escavações no castro de S. Vicente da Chã (Barroso)*. «Trabalhos de Antropologia e Etnologia». 19: 2, 178-186.
- SANTOS JÚNIOR, Joaquim Rodrigo dos; FREIRE, Osvaldo (1964). *O castro de S. Vicente da Chã (Barroso). Campanha de escavações de 1964*. «Trabalhos de Antropologia e Etnologia». 19: 3-4, 366-371.
- TEIXEIRA, Carlos; FERNANDES, Maria S. C. (1963-1964). *Machados Planos de Montalegre*. «Trabalhos de Antropologia e Etnologia». 19: 2, 169-173.
- TEIXEIRA, Ricardo Jorge C. M. Abrantes (1996). *De Aquae Flaviae a Chaves. Povoamento e organização do território entre a Antiguidade e a Idade Média*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de Mestrado.
- TENTE, Catarina; LOURENÇO, Sandra (1998). *Sepulturas medievais escavadas na rocha dos concelhos de Carregal do Sal e Gouveia: estudo comparativo*. «Revista Portuguesa de Arqueologia». 1: 2, 191-218.

